

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

PARQUES SONOROS

da Educação Infantil
Paulistana

VERSÃO - 07.11.16

São Paulo - 2016



**PREFEITURA DE
SÃO PAULO**
EDUCAÇÃO

Prefeitura da Cidade de São Paulo

Fernando Haddad

Prefeito

Secretaria Municipal de Educação

Nadia Campeão

Vice-Prefeita e Secretária

Fatima Aparecida Antonio

Secretária Adjunta

Marcos Rogério de Souza

Chefe de Gabinete

Coordenadoria Pedagógica

Ana Lucia Sanches

Coordenadora

Divisão de Educação Infantil

Sonia Larrubia Valverde

Diretora

Equipe Técnica Educação Infantil

Alessandra Arrigoni

Ivone Mosolino

Patrícia da Silva

Rosângela Gurgel Rodrigues

Viviane De La Nuez Cabral

Juliana Manso Presto

Equipe Administrativa Educação Infantil

Lissa Marchesini dos Santos

Vitor Helio Breviglieri

Assessoria Pedagógica

Maria Cristina de Campos Pires

Centro de Multimeios | COPED | SME

Magaly Ivanov

Revisão - Biblioteca Pedagógica | CM

Roberta Cristina Torres da Silva

Projeto Gráfico - Núcleo de Criação e Arte | CM

Fernanda Gomes

Equipe de Editoração

Ana Rita Costa

Angélica Dadario

Cassiana Paula Cominato

Fernanda Gomes

Créditos Capa:

CEI Vila Missionaria - Foto: Daniel Arroyo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. Divisão de Educação Infantil.

Parques sonoros da educação infantil paulistana. – São Paulo : SME / COPED, 2016.

80p. : il.

Bibliografia

1. Educação Infantil 2. Parque sonoro I. Título

CDD 372.21

Código da Memória Técnica: SME33/2016

Educadoras e Educadores

A política municipal São Paulo Carinhosa foi instituída pelo Decreto nº 54.278/2013, com o objetivo de fortalecer os vínculos familiares e promover o desenvolvimento infantil integral, desde a gestação até os 6 anos de idade. A São Paulo Carinhosa leva em consideração as crianças em suas múltiplas interações, relacionamentos e vínculos com a escola, a família, a comunidade, os serviços de saúde, de assistência, a cidade, a vara da infância, entre outros. A visão holística assumida requer que todos os espaços de interface com a criança sejam promotores do desenvolvimento infantil, nas suas dimensões física, cognitiva, emocional e social.

O marco inicial da Educação Infantil na Cidade de São Paulo é dado pela criação dos primeiros parques infantis em 1935, por Mario de Andrade, então Diretor de Cultura. Sua proposta pedagógica já era pautada pela arte, ludicidade, imaginação e liberdade como garantias de qualidade de vida na infância.

O Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990 estabelece a concepção da criança como sujeito de direitos, entre os quais, o da educação. A transição das creches da Assistência Social para a Educação incorpora essa fase do desenvolvimento como a primeira etapa da educação.

A democratização do acesso à Educação Infantil veio em 2009 com a Emenda Constitucional que substituiu o Fundo de Desenvolvimento do Ensino Fundamental (FUNDEF) pelo Fundo de Desenvolvimento da Educação Básica (FUNDEB), garantindo o financiamento necessário para a expansão da Educação Infantil no Brasil.

Em São Paulo, a gestão 2013-2016 promoveu uma expansão inédita, criando mais de 98.500 novas matrículas Educação Infantil, implementando simultaneamente os Indicadores de Qualidade da Educação Infantil. Uma das 9 dimensões desses Indicadores é a “multiplicidade de experiências e linguagens num contexto lúdico”. Parte-se da concepção da criança como sujeito de saberes, capaz de fazer escolhas, tomar decisões com autonomia, expressar intenções. Nesse sentido, o brincar requer a observação de seus interesses e necessidades, podendo assim ser ampliado e enriquecido.

Neste contexto, deu-se a formulação e implementação dos Parques Sonoros. A iniciativa envolveu 130 unidades educacionais, e 4.500 professores e 43.000 bebês.

No relato de cada formador(a) e professora aqui descrito, encontramos uma definição própria do que são os Parques Sonoros. Nenhum é igual ao outro, não há uma receita única para fazer esta viagem maravilhosa e isso fica claro pela leitura e pelas imagens aqui registradas. Pontua-se que desde muito cedo é possível estimular o contato dos bebês e das crianças com a diversidade sonora que nos rodeia e identificar os “cotidiáfonos” – objetos sonoros do uso cotidiano.

O Parque Sonoro é uma ideia motivadora, um pretexto que possibilita a investigação acerca dos sons, a abertura para o novo. A relação da criança com o objeto, transformação do objeto em instrumento, interagindo, atuando e imaginando – a exploração sonora, rítmica e melódica. Para participar, devemos reeducar antes a nós mesmos, que vivemos em um mundo sonoro, mas raramente paramos para ouvir os sons que nos cercam. Cabe à professora observar e oferecer à criança “um encorajamento delicadamente equilibrado”, apoio para enriquecer sua experiência.

“Meu filho mudou lá em casa...tudo é som!” (mãe de um aluno da Educação Infantil)

“Agora eu sou uma banda”, (Clara, 5 anos)

“Quando a contação de história começava, os pequenos pegavam os brinquedos sonoros para que esses objetos fizessem parte da história. A hora da história ganhou mais vida, mais alegria.” (Professora)

Estou encantada e feliz em constatar, mais uma vez, que a Educação Infantil Paulistana é potente, tem alta qualidade, corpo docente e gestores de excelência, que desenvolvem um trabalho corajoso, criativo e capaz de produzir frutos como este.

Ana Estela Haddad

Primeira Dama e Coordenadora da São Paulo Carinhosa





Foto: Daniel Cunha

Apresentação

É com grande alegria que apresentamos a revista Parques Sonoros da Educação Infantil Paulista construída a partir das formações do Projeto Parques Sonoros realizadas pela Divisão de Educação Infantil desde 2014, nas Unidades de Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de São Paulo.

O material traz concepções e propostas de como trabalhar a percepção sonora no cotidiano da Educação Infantil, as experiências e descobertas das meninas e dos meninos, e dos adultos envolvidos na formação in loco nos horários coletivos. Um projeto inovador, que acontece dentro das Unidades Educacionais possibilitando a troca de experiências e informações entre os grupos.

Os artigos foram escritos pela equipe da Divisão de Educação Infantil, pela Assessora da SME, pelos Formadores do projeto, Educadoras e Educadores das Unidades Educacionais. Neles são apresentados: a implantação do projeto, ressignificação de materiais do cotidiano e dos espaços, a exploração sonora, a importância da arte nos fazeres da Educação Infantil, a participação da família, conceitos musicais, intervenções sonoras, entrevista e relatos de experiências realizadas nos CEIs e EMEIs. Será possível conhecer o que são os cotidiáfonos e como construir brinquedos e instrumentos sonoros com a participação de todos que fazem parte da comunidade escolar.

De forma poética e sensível, o objetivo desta revista é subsidiar as educadoras e os educadores em seus estudos e suas práticas. A leitura deste documento, que poderá ser realizada no coletivo, nos momentos de formação, proporcionará reflexões e discussões sobre o movimento musical no currículo e nas propostas pedagógicas ofertadas aos bebês e crianças.

Protagonismo infantil, investigação sonora no universo infantil, reorganização dos espaços internos e externos, o lúdico, a escuta, a sonoridade no mundo, as questões ecológicas e de sustentabilidade presentes na atualidade são temas tratados nesta revista.

Esperamos que a experiência dos Parques Sonoros auxilie na ressignificação do conceito de música na Educação Infantil, no desenvolvimento do conhecimento musical, da imaginação, da criatividade e da criação.

Boa brincadeira sonora!!!

Fatima Antonio

Secretária Adjunta Municipal de Educação

Nadia Campeão

Vice-Prefeita e Secretária Municipal de Educação



Foto: Daniel Cunha

Sumário

Programa São Paulo Carinhosa - Projeto Parques Sonoros

Equipe DIEI..... 6

De onde vem este som? Do Parque Sonoro? Do corredor?

por Maria Cristina de Campos Pires 14

Parque Sonoro:

Universo da música, som, lutheria, instrumentos musicais, brinquedos, fontes sonoras, artes visuais, escultura e paisagem sonora

por Rodrigo Olivério.....20

A experiência da investigação sonora no universo infantil

por Cintia Campolina de Onofre.....24

Caminhos para se chegar ao Parque Sonoro

Por José Leonel G. Dias32

Um convite à exploração e criação musical

Por Márcia Moraes.....34

Sons daqui, descobertas acolá

Por Márcia Moraes.....38

Relação entre a resignificação de materiais do cotidiano, a música e o movimento

Por Sara Eliza Oliveira.....40

Sentir

Por Silvana de Jesus42

Lidar com a mais sensível das artes!

Por Genésio Cruz.....46

Processo Comunicacional como construção no Espaço de Arte Educação

Por Rosana Massuela.....48

“Ih!...acabou a festa?”

Por Claudia Polastre.....54

O som:

Criação, execução e registro

Por Daniel Ricca.....60

A linguagem dos corpos:

breve olhar para a sala dos professores

Por Viviane de la Nuez Cabral.....62

“Agora eu sou uma banda”

Por Alessandra Arrigoni66

A experiência de implementação do Parque Sonoro no CEU EMEI Aricanduva

Por Amanda Gomes Pinto e Lilian David.....68

Projeto Parque Sonoro

EMEI Prof.^a Rumi Oikawa.....72

Construção do Parque Sonoro no CEI Quinta do Sol

Por Elizabeth Carneiro Bergamasco.....74

Entrevistas..... 76

Unidades Educacionais do Projeto 78

Equipe do Projeto 79

Programa São Paulo Carinhosa

Projeto Parques Sonoros

Equipe DIEI

Sonia Larrubia Valverde; Alessandra Arrigoni; Ivone Mosolino; Juliana Manso Presto; Patrícia da Silva; Rosangela Gurgel Rodrigues; Viviane de la Nuez; Vitor Helio Breviglieri; Lissa Marchesini dos Santos.



Entre as políticas propostas para o Município de São Paulo na gestão 2013-2016, uma delas visa à implementação do Projeto Parques Sonoros, que integra o Programa São Paulo Carinhosa publicado no Decreto nº 54.278, de 28 de agosto de 2013, cujo objetivo é:

- Promover uma política para o desenvolvimento integral da primeira infância tendo com principal diretriz a atuação intersetorial, articulando e integrando ações entre todas as Secretarias Municipais envolvidas, nos territórios com as subprefeituras, bem como com outras esferas do poder público, a comunidade e suas representações e, considerando ainda, um dos objetivos presentes no Programa de Metas estabelecido na gestão do Município de São Paulo para 2013-2016, que diz respeito à melhoria da qualidade da Educação Infantil. A Coordenadoria Pedagógica por meio da Divisão de Educação Infantil da Secretaria Municipal de Educação coordena, desde 2013, ações que integraram o Programa a fim de ampliar e fortalecer na cidade atividades voltadas às crianças bem pequenas, em especial àquelas que moram em regiões consideradas em situação de vulnerabilidade social.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, bem como os documentos publicados pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo - SME/SP:

- Programa Mais Educação São Paulo
- Orientação Normativa nº 01 de 2013: Avaliação na Educação Infantil: aprimorando os olhares
- Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulistana
- Orientação Normativa nº 1 de 2015: Padrões de Qualidade da Educação Infantil Paulistana

- Currículo Integrador da Infância Paulistana
- Uso da tecnologia

Destacam, cada um em seu âmbito, a busca da qualidade social da Educação Infantil que, entre outros princípios, ressalta a importância de se considerar a criança como protagonista, sujeito histórico, capaz e de direitos, que se expressa e conhece o mundo por meio de múltiplas linguagens.

O projeto Parques Sonoros foi desenhado com foco na formação das professoras¹ que atuam nas Unidades de Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino.

As formações são realizadas in loco por profissionais com experiência em arte educação e formados na linguagem artística da música. Os encontros de formação acontecem semanalmente, nos momentos de formação coletiva das Unidades Educacionais onde são organizadas e planejadas propostas pelas professoras com orientação direta dos formadores, da assessora e equipe da Divisão de Educação Infantil.

Esses momentos oportunizam aos bebês e crianças vivências, experiências sonoras, incentivando-os a brincar, construir, desconstruir, ressignificar objetos sonoros “cotidífonos”, dando oportunidade de realizarem e apresentarem suas descobertas e composições. Essas experiências acontecem em vários espaços das Unidades que podem ser nas áreas externas, nos parques, nos corredores ou até mesmo na sala.

¹ Nesse texto opta-se pela palavra professoras para fazer referência a todos os professores e professoras da Rede Municipal de Ensino de São Paulo. Da mesma maneira utilizaremos a composição “bebês e crianças” para fazer referência a todas as crianças, independente da cor, etnia, classe social, gênero, entre outras variáveis.

O Projeto Parques Sonoros

A música como linguagem precisa ser explorada nas Unidades de Educação Infantil a fim de proporcionar aos bebês e crianças a expressão do seu imaginário e o prazer de descobrir e inventar novos sons. Essas experiências possibilitam que as crianças explorem e vivenciem situações de um processo criativo musical por meio da exploração dos sons do ambiente, pesquisando, criando, imaginando, individualmente ou em grupos, sons e objetos sonoros construídos com diferentes materiais do cotidiano e reciclados. Outro aspecto a considerar é a formação *in lócus* nos horários coletivos para as professoras das Unidades Educacionais. Nesses momentos busca-se ressignificar e problematizar conceitos de música, instrumentos musicais e escuta musical no trabalho desenvolvido com os bebês e crianças.

“...Ele é muito legal e ele nasceu pra ser legal” (Criança de EMEI)

Os pontos de partida para a formação são:

- As experiências das professoras como pesquisadoras, com assessoria de um formador ou de um arte educador com especialização em música.
- A revisão das práticas cotidianas da Unidade Educacional, identificando que a música está presente em muitos momentos além dos cantos, dos momentos de eventos, na cantoria nos horários de entrada, de refeições e de atendimento ao calendário escolar, apresentando outras possibilidades do trabalho com a linguagem musical para as crianças pequenas.

A proposta do Projeto

Na busca de uma nova forma de trabalho, ou ao menos uma boa reflexão sobre esta temática na formação, a Divisão de Educação Infantil selecionou pesquisadores e estudiosos que ajudam a pensar como acrescentar maiores desafios para os bebês e crianças e a compreender melhor toda a musicalidade que envolve as crianças bem pequenas.

Na Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de São Paulo temos professoras que trabalham com as crianças pequenas nos Centros de Educação Infantil (CEIs), nas Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEIs), algumas delas nos territórios dos Centros de Educação Unificado (CEUs), nos Centros Municipais de Educação Infantil (CEMEIs) e nas Escolas Municipais de Educação Bilíngue para Surdos (EMEBS), instituições que atendem crianças entre zero e cinco anos. A maioria destas profissionais da infância recebe uma formação inicial que não contempla as linguagens artísticas e a lúdica.

Diante disso, a formação das professoras da primeira infância precisa ser pensada no sentido de aprimorar olhos e ouvidos para a escuta de bebês e crianças, respeitando a sua música nada convencional, porém muito séria e que resulta numa paisagem sonora, que vai se construindo ao longo da vida.

Nesta construção, os bebês e crianças mostram autonomia para escolhas e seleções de sons, desde que não sejam tolhidas disso. Ou seja, quando as professoras compreendem este barulho das crianças, acabam por ajudá-las a “afinar seus ouvidos”, termo utilizado por Schafer (1991). Neste contexto, as professoras precisam conhecer as propriedades dos sons, experimentar a escuta dos ambientes internos e externos e assim começar a compreender os sons da infância.

O convite deste Projeto é para que todos os adultos exercitem suas escutas dos sons a sua-



CEI Conjunto Habitacional Texina

volta, e dos sons produzidos pelos bebês e crianças. Afim de organizar os espaços educativos que ampliem as possibilidades lúdicas com os sons e outras brincadeiras, para que as crianças possam exercitar a autonomia, construir suas identidades e culturas infantis.

O fenômeno sonoro é a matéria prima da música. Suas diversas manifestações e formas de apresentação: naturais, industriais, tecnológicas, virtuais, entre outros merecem atenção e exploração por todos, desde a mais tenra idade.

Para Sedioli (2005), a criança pequena constrói sua identidade como pessoa por meio do corpo e dos sons. Quando nos dedicamos à formação musical de bebês e crianças, verificamos a semelhança feliz entre a riqueza sonora que existe, as necessidades e possibilidades sonoras deles.

Akoschky (2001) apresenta uma proposta a qual chama de cotidiáfonos os materiais do cotidiano que podem ser usados na exploração dos sons, termo que adotamos também para este trabalho do Projeto Parques Sonoros. Os espaços musicais e os Parques Sonoros construídos com materiais do cotidiano (cotidiáfonos) favorecem a autoria e o protagonismo das crianças.

Para que os bebês e as crianças possam realizar suas pesquisas sonoras, pensamos que as professoras deveriam receber uma formação para a compreensão deste movimento das crianças e, ao mesmo tempo, também realizar suas pesquisas sonoras.

“O parque foi feito para a gente brincar” (Criança de EMEI)

Processo de seleção e atribuições dos formadores

A seleção dos formadores para atuarem nas Unidades Educacionais foi realizada por meio de um edital de credenciamento que visou à contratação de Arte Educadores Formadores para desenvolverem atividades formativas em diferentes linguagens artísticas, com o objetivo de trazer contribuições do campo artístico para a formação continuada das Equipes Docente e de Apoio. Tais profissionais atuam em consonância com as concepções de criança, infâncias e perfil de educador contidos na Proposta de Política Pública para a Educação Infantil da SME.

Os requisitos mínimos para participação no processo seletivo foram os seguintes:

A – Arte Educador: pessoa com formação em curso técnico e/ou superior em uma das áreas de interesse (linguagem expressiva do brincar e/ou nas linguagens artísticas de música, teatro, artes visuais e corpo/dança) da Unidade Requisitante, que tenha experiência no campo da arte-educação.

B – Formador: pessoa com formação universitária nas áreas de interesse (linguagem expressiva do brincar e/ou nas linguagens artísticas de músi-

ca, teatro, artes visuais e corpo/dança) da Unidade Requisitante que, em nível de pós-graduação, especialização, mestrado ou doutorado, tenha conhecimentos específicos a respeito do tema que constitui objeto da formação pretendida.

“Eu confesso que nunca tinha ouvido falar do Parque Sonoro.”

(Professora da EMEI CEU Curuçá)

Proposta de trabalho

Programa São Paulo Carinhosa

Projeto “Território da Infância”

Formador - Parques Sonoros

Descrição das funções

- Desenvolver ações de formação continuada com as Equipes Docente das Unidades de CEIs, EMEIs e CEUs, inscritas no projeto Parques Sonoros com vistas a atender a Política Municipal para o Desenvolvimento Integral da Primeira Infância do Programa São Paulo Carinhosa;
- Proporcionar experiências com as professoras e equipes da Unidade Educacional abordando aspectos prático, técnico e teóricos das linguagens artísticas com foco na música, de acordo com plano de trabalho a ser desenvolvido em conjunto com SME/Divisão de Educação Infantil - DIEI, dentro das especificidades de cada arte educador;
- Assegurar, aos docentes nas Unidades inscritas, estratégias artístico-pedagógicas que valorizem, ressignifiquem, divulguem e promovam as linguagens artísticas com foco na música, visando condições para a formação e qualificação de educadores da Educação Infantil;
- Mostrar comprometimento no desenvolvimento das ações através de assiduidade, pontualidade e responsabilidade;
- Manter e prestar informações mensalmente da frequência diária dos grupos participantes do Projeto com entrega de relatórios, listas de presenças, registros de JEIFs e demais documentos pertinentes às ações realizadas;
- Prever e solicitar recursos necessários (cola, tesoura, fitas adesivas, textos, objetos de uso do cotidiano estruturados e não estruturados...) ao grupo participante do projeto em tempo hábil, de acordo com as necessidades de cada um dos espaços de formação das Unidades de Educação Infantil envolvidas nos Projetos, auxiliando na organização dos materiais, distribuição e recolhimento dos mesmos;
- Zelar e manter o prédio, os equipamentos e o material de consumo em condições de higiene e segurança, de forma a garantir o desenvolvimento das atividades programadas com qualidade;
- Participar, uma vez por mês (última sexta-feira de cada mês), das reuniões de planejamento e avaliação junto à Equipe da SME/DIEI, bem como possuir disponibilidade e compromisso para realizar os ajustes necessários para atender às necessidades das diferentes DREs;
- Acompanhar e avaliar a ação, bem como a realização dos ajustes necessários para que as ações desenvolvidas alcancem as expectativas propostas no Projeto Parques Sonoros;
- Estar disponível para trabalhar nas Unidades Educacionais atribuídas, de acordo com os horários de JEIF das Unidades;

- Produzir ao longo do processo e entregar à SME/DIEI, registros por meio de fotos, textos, vídeos, slides e outros registros referentes aos trabalhos realizados nas Unidades, o que contribuirá para a avaliação ao final de cada etapa de trabalho, e a continuidade do Programa
- Planejar e desenvolver, sob orientação da DIEI, ações de formação continuada como: oficinas, cursos, produção de material específico de apoio pedagógico, atendendo às necessidades formativas das equipes técnicas e profissionais de Educação Infantil em consonância com as diretrizes da Secretaria Municipal de Educação e de acordo com as ações planejadas para o desenvolvimento do Projeto “Territórios da Infância”, parte integrante do Programa São Paulo Carinhosa – Decreto nº 54.278/2013;



Foto: Daniel Cunha

Detalhamento das funções

- Criar momentos com educadores pautados em ações teóricas e práticas ressignificando o conceito de música, subsidiadas por textos e materiais fornecidos pela assessora do Projeto Parques Sonoros, acompanhada pela supervisão direta da DIEI;
- Implantar e levar a outros espaços das Unidades as criações (cotidiáfonos) e produções das crianças pequenas e professores: parques abertos, corredores, árvores, etc.;
- Organizar e criar espaços dentro das Unidades dos CEUs, EMEIs e CEIs destinados às crianças pequenas para interação com as ou-

tras crianças e com adultos, onde possam manipular, experimentar, construir, desconstruir e reconstruir (objetos, esculturas, materiais de uso do cotidiano...), pintar, descobrir, pesquisar e escolher o que e como fazer.

- Modificar os espaços internos com objetos sonoros construídos pelos professores, crianças e equipe, sob orientação direta dos formadores em consonância com a formação oferecida por eles;
- Implantar e acompanhar as atividades dos Parques Sonoros com as crianças, professores e equipes das Unidades;

O que é a música? Você já teve alguma experiência musical? Qual?
(Proposta de formação apresentada pelo formador)

Desenvolvimento do Projeto

Os Parques Sonoros possibilitam aos bebês e crianças:

- Realizar seus estudos sonoros com liberdade tendo a oportunidade de levar suas descobertas para os espaços externos. Próximos aos brinquedos do parque, os brinquedos sonoros possibilitam ouvir de diferentes formas os “Cotidiáfonos”.
- Ampliar a interação com sons, pois incentiva a troca de experiências sonoras entre crianças/crianças, crianças/adultos, incluindo a comunidade escolar e seu entorno.

Outro dia ele tocou as panelas lá em casa, aí eu coloquei a música do Tim Maia e ele tocava junto com as panelas. Você não acha que este menino tem jeito para música, professora?

(Pai de criança de EMEI)

A proposta do Projeto Parques Sonoros leva para dentro das Unidades de Educação Infantil a música, o lúdico, a formação das professoras e a intervenção sonora nos espaços internos e externos da Unidade, numa ação conjunta de toda a equipe escolar, com a ajuda de um formador que se dedica a cada Unidade onde atua, durante os horários coletivos, viabilizando o estudo para as professoras e discussões e reflexões sobre as ações que acontecem dentro da sala com os pequenos, e aos poucos, vão saindo e se tornando instrumentos e brinquedos do lado de fora. É uma ocupação dos espaços com brinquedos sonoros construídos por diferentes atores, sobretudo as crianças.

Os formadores realizam os encontros de formação na Unidade Educacional semanalmente ou quinzenalmente e são apoiados pela assessora do Projeto e pela equipe da DIEI que subsidiam propondo reflexão, problematização das ações desenvolvidas nos diferentes territórios nos quais estão atuando.

O Projeto possui princípios bem definidos, mas dentro de uma proposta aberta, na qual cada Unidade Educacional deve se sentir autora nesta construção. Em 2014, houve a organização de muitos “Parques Sonoros”, alguns em espaços internos das Unidades de Educação Infantil, outros em espaços externos, transformando-os em verdadeiros ambientes de exploração sonora.

Com o acompanhamento das formações nas Unidades Educacionais e dos momentos propostos para bebês e crianças, podemos constatar o maravilhamento e a aprendizagem significativa que perpassa estes espaços.

Entre os anos de 2014 e 2016 o Projeto atendeu aproximadamente 130 Unidades, 4.497 professoras e 43.019 bebês e crianças.

Sons, paisagens, descobertas e movimento

Nas andanças e encontros realizados pela Coordenadoria Pedagógica – COPED/ Divisão de Educação Infantil - DIEI nas Unidades Educacionais selecionadas para implantação do Projeto Parques Sonoros, foram se desvelando de forma simples as ações, experiências e encantamentos dos olhares, falas e imagens de todos os envolvidos.

Dessa forma, a organização do tempo e dos espaços nas Unidades deve privilegiar as relações entre as crianças com a mesma idade e também de faixas etárias diferentes, suas escolhas e autonomia, a acessibilidade aos materiais, o deslocamento pelas salas e outras dependências da instituição e fora dela. (São Paulo, 2014a)

Avaliação do Projeto

O Projeto está em constante avaliação em diversas frentes:

O olhar do formador diante das demandas dos territórios em que os formadores atuam, ouvindo as professoras, entendendo o contexto, os desafios que a Unidade traz, para construção de um Projeto significativo para aquela Unidade atendida;

A partir destes apontamentos trazidos pelos formadores, a equipe da DIEI e a assessora planejam as formações que acontecem mensalmente com esse grupo a fim de subsidiar as ações desenvolvidas nas Unidades.

A DIEI é responsável pelo encaminhamento de avaliações no primeiro e segundo semestre para as Unidades que desenvolvem o Projeto, a fim de ouvi-las e, a partir de suas apreciações, repensar a condução das ações e ajustes necessários para continuidade ou não do Projeto no próximo ano.

Existe ainda uma avaliação contínua realizada pelos envolvidos em cada Unidade para retomar, validar e avançar neste processo de formação. ●

Referências

AKOSCHKY, Judith. **Cotidiáfonos**: instrumentos sonoros realizados com objetos cotidianos. Buenos Aires: Ricordi, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação Infantil**. Brasília: MEC, 2009.

BRITO, Teca A. **Música na educação infantil**. 2.ed. São Paulo: Peirópolis, 2003.

DELALANDE, François. **Le condotte musicali**. Bologna (ITA): Clueb, 1993.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Orientação normativa**



EMEI Alberto de Oliveira

Foto: Daniel Cunha

“O formador convive o ano todo com a gestão, professores, equipe da Unidade. Eu digo que é a Pedagogia da convivência

(formadora Parque Sonoro)

nº 01/13: Avaliação na Educação Infantil: aprimorando os olhares. São Paulo: SME / DOT, 2014a.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Programa Mais Educação São Paulo**. São Paulo: SME/DOT, 2014b.

SCHAFFER, Murray. **Ouvido pensante**. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.

SEDIOLI, Arianna. **Il libro dei giochi sonori**. Trento (ITA): Nicolodi, 2005

ZOCATELLI, Barbara (Org.). **I giochi musicali dei piccoli**. Bérgamo (ITA): Ed. Junior, 2003. p.49-90. (Quaderni Operativi).



De onde vem este som? Do Parque Sonoro? Do corredor?

por Maria Cristina de Campos Pires

Mestre em Educação pela UNICAMP-SP, arte-educadora especializada em música, professora de Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de São Paulo e assessora da DIEI.

O Aeroplano

*Quando eu fiz cinco anos,
Meu pai deu-me de presente um aeroplano
Que ele próprio construía
Com finas hastes de bambu e papel de seda.
Tão leve quanto uma libélula,
O frágil engenho voou até desaparecer
Por detrás do muro do quintal
E dos últimos reflexos de um poente de verão.
Ninguém mais o encontrou.
Eu ia na cabine. Eu e minha infância,
Que nunca mais voltou.*

Ivan Junqueira

Brincar, embarcar na imaginação, criar, inventar e reinventar é algo fundamental na infância. O poeta Ivan Junqueira em seu poema O Aeroplano, descreve a alegria e o prazer em viver a história do Aeroplano que o pai construiu e lhe deu de presente, pois ele embarcou e viveu isso. Com os sons e a música da infância também pode acontecer desta mesma forma e outras mais.

As fontes sonoras do Parque

A primeira vez que ouvi este som, veio da Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) Dona Leopoldina, no Alto da Lapa, São Paulo. Da minha parte, existia o sonho de construir um parque nas Unidades de Educação Infantil que fosse diferente, onde os educadores e as crianças trabalhassem juntos no processo. O objetivo era um parque que tivesse sons diferenciados, que fossem construídos brinquedos sonoros para transformá-lo e seriam brinquedos em que as crianças se sentissem autoras e inventoras. Foi assim que tudo começou....

A EMEI toda tinha vontade de fazer música e aproveitar o espaço e eu, construir instrumentos

e formar as professoras e os professores, a equipe toda da escola, inclusive a gestão.

Para isso, foram realizados encontros quinzenais de formação com todas as turmas de professoras, os bebês e as crianças participaram nas salas com suas professoras que aos poucos, foram transformados em os objetos do cotidiano em objetos sonoros, instrumentos no parque externo da Unidade, com o total aproveitamento de todos.

I. Parques Sonoros sob o ponto de vista da música - tudo é música

A Educação Infantil Paulistana tem investido na formação de seus profissionais há alguns anos, especificamente na música, linguagem que aparentemente faz parte da rotina da primeira infância como mais um recurso utilizado pelos bebês e crianças pequenas para se expressar, construir, desconstruir, conhecer-se, relacionar-se com as outras crianças e também com os educadores.

O que este projeto tem de mais inovador é que ele acontece dentro das Unidades de Educação Infantil, permitindo a troca de experiências e informações entre os grupos nos horários coletivos. Com o acompanhamento efetivo das coordenadoras pedagógicas, os conteúdos trabalhados nos grupos são socializados entre todos, facilitando a troca de experiências e ampliando-se as oportunidades musicais e criativas de todos principalmente dos bebês e das crianças.

O projeto vem com uma proposta diferente, com a formação *in loco* em consonância com os documentos da Secretaria, tendo como inspiração alguns trabalhos da Educação Infantil Italiana, onde os pequenos e pequenas realizam suas pesquisas em todas as linguagens que lhe são oferecidas. Pensando nos espaços que se têm nas Unidades Paulistanas, idealizamos um

projeto de música, onde crianças e professores seriam sujeitos de suas pesquisas e realizações musicais em suas Unidades.

O projeto Parques Sonoros objetiva um melhor aproveitamento dos espaços internos e externos das Unidades de Educação Infantil que podem ser explorados pelas crianças e estudados pelos educadores, ampliando a ludicidade nas Unidades.

Ele foi criado para que bebês e crianças e educadores experimentassem, pesquisassem e principalmente brincassem com os sons e a música em suas diferentes formas: pesquisa sonora, objetos sonoros a partir daqueles do cotidiano, que chamamos de “cotidiáfonos” (termo inventado pela educadora musical argentina Judith Akoschky), construção de instrumentos classificados de **aerófonos, idiófonos, membranofone e cordófonos**, para falar apenas de quatro tipos:

- **Aerofones** – são instrumentos que produzem o som através do deslocamento de ar pelo sopro ou pelo deslocamento em forma de chicote, como um conduíte sendo girado;
- **Idiófonos** – são instrumentos que soam por si só, ao serem chacoalhados ou batidos no corpo.
- **Membranofone** – é o instrumento que vibra através de uma pele esticada. Muito comum em tambores, pandeiros, etc.
- **Cordófonos** – estes são os que vibram pelo movimento de cordas de várias espécies.

Nicole Jeandot, educadora musical brasileira explica em seu livro “Explorando o universo da música” (2002, p. 30), que qualquer objeto que vibra, produz som: uma corda, um papel, através daquele que incentiva esta emissão como um arco, as mãos, etc.



CEI Vila Missionária

Foto: Daniel Cunha

Para a construção dos Parques Sonoros foi necessário, por meio da formação de professores, quebrar, romper com o conceito tradicional de música, onde ela só acontece por meio do canto de repertórios midiáticos e da cultura popular. O que se quer com este projeto é ressignificar o conceito de música, trazendo a música instrumental, as construções e criações de brinquedos sonoros, o princípio da organização dos sons indo além da sinfonia, da canção, da afinação, entre outras concepções.

Partimos da frase: “Tudo é música” que quer dizer onde há som existe música. Hermeto Paschoal, multinstrumentista, compositor brasileiro autor desta frase, diz que podemos fazer música com tudo. Com isso amplia-se o conceito de música, porque se levam em consideração os sons produzidos por diferentes fontes com a participação de todos: bebês, crianças, professores e grupo escola em geral, tornando o ambiente sonoro/musical.

Um dos objetivos deste projeto foi ampliar o conceito de música, proporcionando escutas musicais e de sons de todas as fontes locais e externas às Unidades, trazidas pelas professoras e pelas crianças, além de repertório instrumental e musical de diversos gêneros.

Outro objetivo importante foi o de estender o olhar de todos para os espaços e sons das Unidades, refletir sobre as possibilidades sonoras e instrumentais que podem ser construídas por meio da formação *in loco*. O resultado disso serão os brinquedos e instrumentos criados para cada espaço educativo envolvido com o projeto.

Faz parte deste projeto o acompanhamento de SME de todo o processo que ocorre nas Unidades, desde os encontros de formação de professores até a construção e manutenção dos

Parques Sonoros que, em algumas Unidades são Corredores ou Salas Sonoras.

Neste processo temos ouvido e assistido transformações dos espaços, mudanças posturais de professoras e professores com relação à musicalidade pessoal e também de todo o ambiente educativo, pelas escutas musicais e sonoras dos objetos e instrumentos construídos por todos. Além disso, as escutas das crianças e as comparações que verbalizam em relação às diferenças sonoras entre mais graves, agudas, fortes ou fracos. Analisam suas pequenas composições e também o acompanhamento e incentivo das professoras e professores que, até bem pouco, tempo muitas vezes, rejeitavam estes processos.

Os Parques Sonoros são espaços modificados por e para os bebês e crianças, que oportunizam a exploração sonora, a brincadeira com os sons e com instrumentos construídos com os “Cotidiáfonos”.

Estes espaços para os bebês servem como ponto de exploração, experimentação de sons de toda sorte. Os bem pequenos degustam estes sons, ao colocar os instrumentos na boca. Já os maiores, além de tocar brincando, também criam seus brinquedos com a supervisão das professoras que, atentas ao movimento, estimulam a confecção dos deles.

2. Parques Sonoros sob a ótica dos professores - conhecer música, ressignificando seus conhecimentos

Para as professoras, a questão é de conhecimento deste movimento dos bebês e crianças. Reconhecer o significado dele e saber que, mesmo sem dar aulas, podem construir, reconstruir instrumentos e brinquedos, e com a ajuda dos pequenos, compor pequenas peças musicais de forma lúdica.

Para tanto, é oferecida aos professores uma formação dentro da Unidade, em horário coletivo, de forma que toda a equipe tenha a oportunidade de discutir o tema música na Educação Infantil, ressignificar o conceito de música e de instrumento e seu uso. Conhecer as qualidades dos sons: altura, duração, intensidade e timbre. Com esta compreensão e vivência nas formações, esses profissionais tem melhor condição de acompanhar os movimentos das crianças, dos espaços conquistados e os aprendizados trocados entre os bebês e as crianças, entre elas e os adultos e vice-versa.

Outra vertente deste projeto é que ele propicia aos participantes: bebês, crianças e professores, a oportunidade de trabalhar com reciclagem ao analisar e explorar a sonoridade de objetos do cotidiano: os cotidiáfonos, inclusive envolvendo a comunidade na procura de materiais em vários lugares, por meio de campanhas com as famílias e, assim, vão surgindo ideias de criação e transformação dos objetos em instrumentos com a colaboração dos bebês e das crianças.

Esta associação entre os Parques Sonoros e o ambiente - a transformação de objetos do cotidiano em instrumentos de percussão - tem suas origens nas ideias do músico canadense Murray Schafer, que promove a limpeza dos ouvidos, expressão que usa valorizar estas pesquisas sonoras que acontecem em todos os ambientes: da natureza, dos objetos e máquinas, resultando num estudo dos sons e ruídos que dominam o mundo moderno.

Para este autor, esta dinâmica de pesquisas resulta num maior cuidado com a escuta, desenvolvendo um ouvido atento, mais limpo para os sons que se ouve.

O Parque Sonoro, ao ser analisado sob o ponto de vista do parque, como popularmente é conhecido na maioria dos lugares, é espaço de lazer, natureza, de brincar, de interagir com outras pessoas, criar brincadeiras e brincar com as tradicionais.



CEI Vila Missionária

Foto: Daniel Cunha

Os sons estão em todos os lugares, inclusive nos brinquedos tradicionais do parque, balanços, gangorras, casinhas, trepa-trepas. O que acontece com o Parque Sonoro é que ele intervém neste local do brincar e do contemplar tradicional com outras possibilidades provocativas do brincar, constituído por objetos, instrumentos criados por crianças e professores e adaptados para o espaço externo da Unidade, dando oportunidade a todos de experimentar outros sons e outros brinquedos.

Além destas qualidades elencadas, também se brinca, conhece e reconhece outros sons que serão novos para alguns, renovados e para outros, reconhecidos por muitos. Agora, para os pequenos, além da diversão é exercitar a escuta, o ritmo, as diferenças entre os objetos, cores, formas. Mas, o mais importante é a diversão.

O que se almeja com este projeto é a valorização da música nas Unidades Educacionais, desde os CEIs, ou desde os bebês, às crianças das EMEl. Que esta linguagem conquiste os professores e equipe das Unidades pela porta da formação, construção e manutenção dos parques por todos. E que a música fique nas Unidades, independentemente da presença de um formador. Que o direito de acesso à música para bebês e crianças, o protagonismo dos pequenos e a ludicidade não se percam mais. ●

Referências

AKOSCHKY, Judith. **Cotidiáfonos**: instrumentos sonoros realizados com objetos cotidianos. Buenos Aires: Ricordi, 2001.

ANDRADE, Mario. **Introdução à Estética Musical**. São Paulo: Hucitec, 1995.

JEANDOT, Nicole. **Explorando o universo da música**. São Paulo: Scipione, 2002.

SCHAFER, Murray. **A afinação do mundo**. São Paulo: Unesp, 2001.

_____. **Hacia una educación sonora**. Buenos Aires: Pedagogias Musicales Abiertas, 1994.

_____. **O ouvido pensante**. São Paulo: Unesp, 1991.

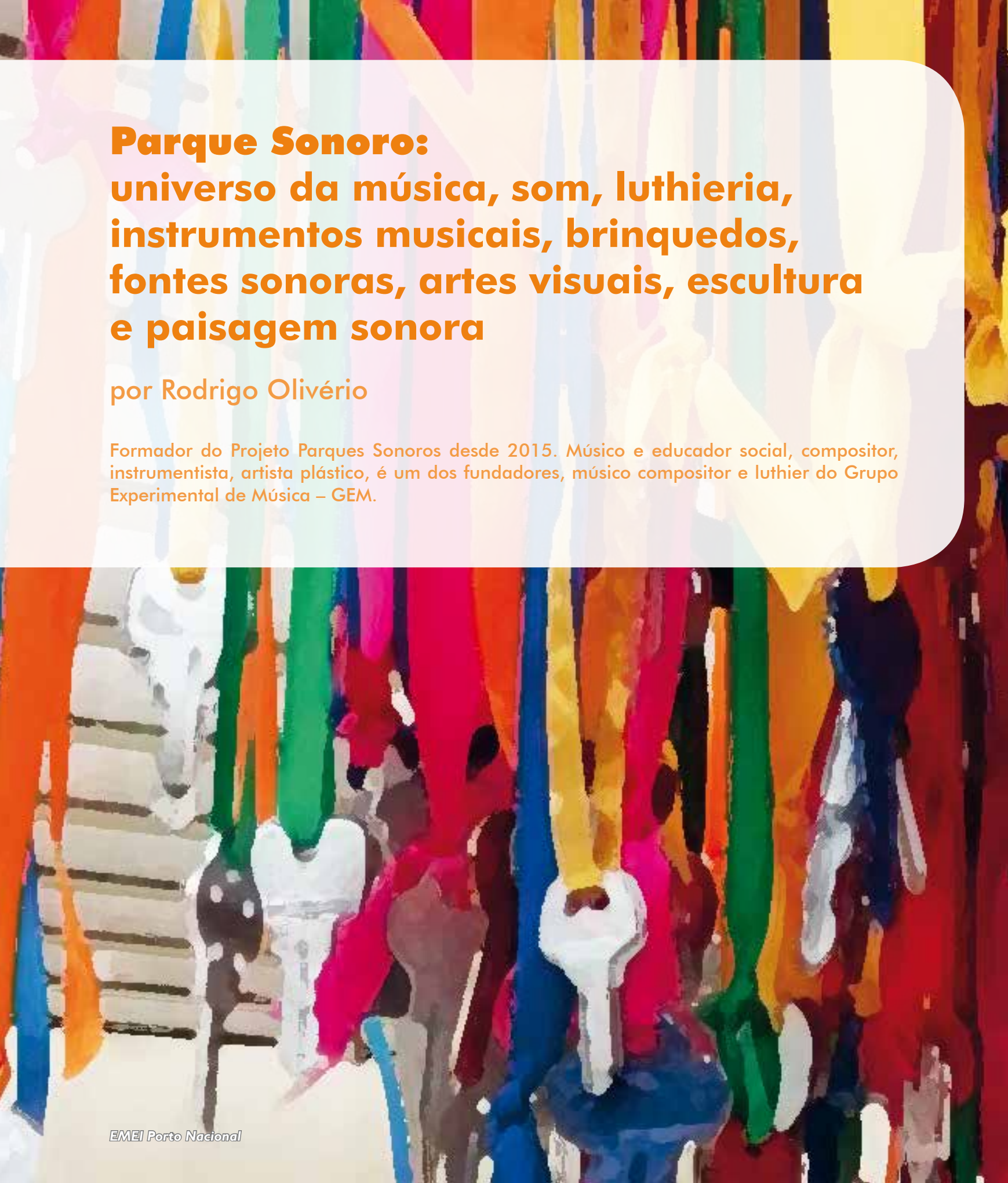
SEDIOLI, Arianna. **Il libro dei giochi sonori**. Trento (ITA): Nicolodi, 2005.

_____. Sonorità in gioco. In: MAZZOLI, Franca, SEDIOLI, Arianna, ZOCCATELLI, Barbara (orgs.) **I giochi musicali dei piccoli**. Bérgamo (ITA): Ed. Junior, 2003. p.49-90. (Quaderni Operativi)

Vídeos

OS SONS de Hermeto. Direção Geral: Sandra Regina Cachelari. 49 min. São Paulo: Rede SescSenac de Televisão. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6Kie_wVYIk>. Acesso em: 27 out. 2016.

HERMETO e o uso de instrumentos não convencionais. Produção: Rui Pereira; Kiko Fontes. 5 min. Rio de Janeiro: Thomaz Farkas. Fragmento de Hermeto, Campeão (1981). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VG5uMwhyIWw>>. Acesso em: 27 out. 2016.



Parque Sonoro: universo da música, som, luthieria, instrumentos musicais, brinquedos, fontes sonoras, artes visuais, escultura e paisagem sonora

por Rodrigo Olivério

Formador do Projeto Parques Sonoros desde 2015. Músico e educador social, compositor, instrumentista, artista plástico, é um dos fundadores, músico compositor e luthier do Grupo Experimental de Música – GEM.



Foto: Alessandra Arrigoni

Há quinze anos, venho desenvolvendo, em parceria com a iniciativa pública estadual e privada, um trabalho voltado à lutheria experimental, que é uma técnica de construção de instrumentos musicais de forma alternativa. Esse trabalho, ao lado da pesquisa de teóricos como Schafer, Smetak e meu professor de lutheria experimental Fernando Sardo, levou-me a entender o que é um parque sonoro. E é sobre esse conceito que vou desenvolver e compartilhar nas próximas linhas.

O conceito de parque sonoro resultou do desenvolvimento natural e da fusão de artes distintas. Foi na conversa que as artes visuais tiveram com a música que, a lutheria alternativa pôde gerar instrumentos musicais não convencionais, objetos, paisagens e cenários que interligam o objeto ao som.

O primeiro acesso que o ser humano encontra na expressão musical é a fala, um som que naturalmente evoluiu para o canto, ritmos corporais e gestos sonoros que evoluíram até o ato de percutir objetos como galhos, pedras e ossos. Esse processo foi o primeiro passo evolutivo para a construção dos instrumentos musicais.

Encontramos registros desde a época primitiva da humanidade, entre muitos povos como aborígenes, africanos, nórdicos, orientais e indígenas. Assim como esse homem antigo, também hoje, temos a necessidade de construir instrumentos musicais.

Ao observar esses instrumentos ao longo da história da lutheria, podem-se obter referências estéticas e sonoras que dizem muito sobre a cultura de um povo, seus valores e forma de viver. Partindo desses fatos, podemos começar a tentar entender a música e sua relação com o desenvolvimento da humanidade.

É preciso entender a música na sua mais íntima manifestação: o som, que é o conceito essencial para se entender a essência do parque sonoro. Ele é o fenômeno que existe independente do instrumento musical, trata-se de uma frequência emitida por qualquer corpo em ressonância. Percebido pela audição, transmitido através de frequências vibratórias.

A invenção dos instrumentos musicais possibilitou ao homem explorar e medir estas frequências vibratórias e codificá-las como notas musicais, com a intenção de afinar os instrumentos segundo suas características regionais e culturais.

Existem diferentes formas e modelos de instrumentos musicais, a primeira forma que encontramos é a fonte sonora que é o instrumento encontrado na natureza. Trata-se de um objeto orgânico ou sintético que emite som, sem a influência do homem, é um objeto que não precisa ser feito ou montado, apenas ser tocado, exemplo: bambu, pedra, cabaça, sementes, ferro ou sucata. É um corpo que, por si só, emite som, por isso o nome fonte sonora.

Através dessas fontes sonoras foi possível inventar os instrumentos musicais que hoje conhecemos. Com a evolução e a influência das artes vamos encontrar nesse trajeto a junção dos instrumentos musicais com as fontes sonoras, que são as esculturas sonoras.

As esculturas sonoras têm como apelo a resolução estética plástica como recurso sonoro. Elas podem ser afinadas ou não, interativas ou contemplativas, de pequeno, médio ou de grande porte. Constituem uma conexão entre som e artes plásticas.

Em continuidade, nessa linha de desenvolvimento, vamos ter o que chamamos de instalação sonora, que é a junção das três linguagens apresentadas até agora: instrumento musical, fonte sonora e escultura sonora, essa junção resultou na instalação sonora.

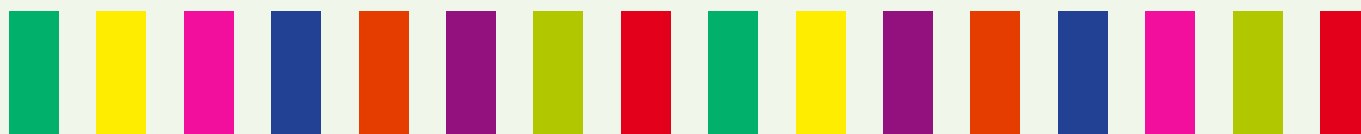
A instalação sonora vem da conexão dessas metodologias, tendo como referência as artes visuais (instalação plástica), que possibilitou ao artista, músico ou plástico, juntar as linguagens sonoras e as artes visuais.

Assim decorre a evolução da arte e a renovação de conceito estético e musical, onde a música agora existe sem o instrumento musical, a música aparece em todo o lugar. Ou seja, todo estímulo sonoro tem função musical.

Sons naturais e urbanos que ressoam sem o nosso comando, de forma a compor um conjunto de sons, musicais ou não, é chamado de Ambiente Sonoro (SCHAFER, 2011). Se, intencionalmente, organizarmos em um mesmo espaço físico as informações do ambiente sonoro, as fontes sonoras, as esculturas sonoras, a instalação sonora e os instrumentos musicais, vamos, por fim, ter um parque sonoro.

O parque sonoro aproxima o lúdico do intelectual, onde a experiência sonora não possui regras ou técnicas de comandos formatados como em uma aula tradicional de música. Sendo assim, possibilita ao público em geral ter uma vivência musical espontânea, profunda, simples e divertida.

Neste contexto da primeira infância, acontece a criatividade coletiva e a expansão dos sentidos auditivos, o que possibilita o encontro entre crianças e adultos, adultos com adultos, acarretando em





EMEI Armando de Arruda Pereira

conhecimento para todos, tanto como o desenvolvimento motor, social, afetivo, cognitivo, cultural e intelectual.

É a realização de um espaço onde as crianças compõem música em tom de liberdade e brincadeira. Desenvolvem o conhecimento musical da maneira mais natural possível.

Do mesmo modo, é uma oportunidade de experiência com a música para aqueles que não têm acesso, estímulo ou interesse à prática musical, independente da faixa etária. Aproxima o público leigo do intelectual, assim como aproxima a brincadeira do conhecimento.

Para a educação musical brasileira, assim como para muitos lugares do mundo, o parque sonoro é uma linguagem nova, tanto no campo acadêmico quanto no campo lúdico e didático. Como é

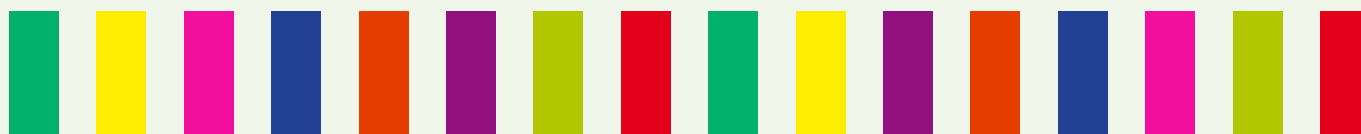
um campo conceitual em desenvolvimento, pode assumir vários formatos e suportes. De qualquer forma, desenvolve a função de encantamento com música, assim como possibilita o reaproveitamento sonoro do ambiente, seja ele urbano ou rural.

Música, som, lutheria, instrumentos musicais, brinquedos, fontes sonoras, artes visuais, escultura, paisagem sonora... Todas essas artes e conceitos devem ser unificados em um único olhar para que possamos proporcionar a profunda experiência de um parque sonoro. ●

Referências

SCHAFFER, R.M. **A afinação do mundo**. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011

SCHAFFER, R.M. **O ouvido pensante**. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011



A experiência da investigação sonora no universo infantil

por Cintia Campolina de Onofre

Professora de música, trabalha com formação de professores em música há mais de 10 anos. Graduada em música com mestrado e doutorado em trilha sonora. Formadora do projeto Parques Sonoros no qual participa desde 2014.



Foto: Maria Conceição

O propósito da música não é, simplesmente, criar produtos para a sociedade. É uma experiência de vida válida em si mesma, que devemos tornar compreensível e agradável. É uma experiência do presente. Devemos ajudar cada criança a vivenciar a música agora.

Swanwick

A educação musical no Brasil passou por diversas fases e inúmeras propostas desde seu surgimento e situação atual nas escolas. Com o desenvolvimento e aprimoramento dos métodos ativos de musicalização podemos afirmar: o contato da criança com a música na primeira infância deve ser repensado e explorado porque aflora experiências sonoras únicas. Sabemos que o contato da criança com a música estimula processos de aprendizagem, provoca estímulos cognitivos, linguísticos, socioafetivos, psicomotores e proporciona o autoconhecimento. Fazeres musicais que muitas vezes são curtos, podem ser intensos e, sobretudo, gerar prazer e felicidade em suas realizações, proporcionando reflexões instigantes sobre o mundo em que vivemos.

Há uma série de procedimentos que proporcionam o fazer musical na escola. Dentre eles, estão as práticas rítmicas e melódicas em instrumentos musicais tradicionais e objetos sonoros; experiências corporais para a vivência com pulsação, ritmo, melodia e harmonia; estímulo ao canto; apresentação de repertório variado; entre outros. Alguns educadores musicais con-



EMEI Manoel Bandeira

Foto: Maria Conceição

centram seus métodos e práticas no elemento primordial que constitui a música: o som. São práticas que envolvem percepções auditivas, apropriação e criação sonora.

A partir desse pressuposto, proponho algumas questões para nortear nossa discussão: como proceder para que o som seja percebido e vivenciado pelas crianças? O que enfatizar para que o ato de ouvir se torne prazeroso para crianças em um mundo tão ruidoso e cada vez menos pensado para nossos ouvidos? Como as crianças conseguem perceber os sons que nos rodeiam? Nossas práticas musicais com as crianças podem trazer à tona a experiência sonora de diversas formas?

Ouvir? Claro que ouço! Será?

O projeto Parques Sonoros proporciona aos educadores da Rede Municipal de Ensino de São

Paulo a reflexão teórica e atividades práticas com objetivo de problematizar os conceitos sobre música em sala de aula para crianças da Educação Infantil. Assim, tem dentre seus objetivos ampliar as possibilidades de brincadeiras e a apreensão de conceitos específicos da linguagem dando ênfase a experiências lúdicas com música, vivenciar a exploração de diversos sons, perceber conceitos musicais e sugerir proposições para mudança de olhares com relação aos objetos do cotidiano e ao espaço físico da escola.

Desta forma, o projeto absorve em seu acontecimento a construção de variados objetos que produzem sons. Os primeiros estímulos que encoraja os educadores a realizarem são as práticas de atividades sobre percepção sonora. Desde muito cedo é possível estimular o contato das crianças com a diversidade sonora que nos rodeia e as práticas de exploração dos sons com objetos diversificados são primordiais para que isso aconte-

ça. Sobre esse estímulo, Violeta de Gainza, atenta para as diversas faixas etárias, nos diz:

O bebê toca os objetos que tem ao seu alcance, brinca com eles, explora-os e escuta os resultados sonoros de sua ação; demonstra suas preferências. A criança na idade escolar não costuma escutar o som da música que ela mesma produz, grita enquanto bate os instrumentos, ao invés de tocá-los, a menos que tenha sido sensibilizada ou treinada para proceder de forma diferente, ou caso tenha ao seu redor modelos capazes de induzir comportamentos mais refinados que os correspondentes a sua idade. Energia física e afetividade estão extremamente entrelaçados nela; gosta de explorar os sons espontaneamente”. (GAINZA, 1982, p. 23).

Dentro desse âmbito, os educadores musicais sugerem práticas de escuta ativa que basicamente significam: perceber os sons que nos rodeiam, nos concentrando neles e questionando sua existência no nosso cotidiano. É preciso que as crianças se concentrem para perceber os sons do cotidiano, segundo Violeta de Gainza¹ “o ouvido é a porta de entrada, o que presencia e controla a música que é absorvida. Por isso, deixá-lo sensível, sutil, inteligente, criativo, é a melhor garantia de uma boa educação musical”. Para o pesquisador e educador Keith Swanwick², “a audição é a prioridade em qualquer atividade musical, pois ela está presente não só no ato de se ouvir a gravação de uma obra musical, como também no ato de se explorar ou tocar um instrumento, improvisar e

compor”. Murray Schafer³ propõe que ouçamos mais e questionemos os sons ao nosso redor alertando-nos sobre a quantidade de sons desagradáveis que o mundo produz e como produz. O educador afirma que a música pode originar-se de processos de audição consciente. Em sua proposta é possível ouvir, modificar e criar sonoridades, indicando que a música é acessível a todos, já que todos somos expostos aos sons no nosso cotidiano. A percepção e o questionamento sobre o som que nos rodeia, permite o empoderamento sobre o mundo que nos cerca e considero muito importante que os educadores em sala de aula estimulem as crianças para o afloramento dessas práticas de audição.

Posso tocar, Prô? Sim, pode. Uau! Não acredito! (Paulo, 4 anos)

Considero que o fato de despertar a criança, desde a primeira infância, para a sonoridade do mundo torna-se um dos objetivos mais enfatizados na formação. Desta forma, dentro do projeto Parques Sonoros propus variadas formas para que a criança vivenciasse experiências sonoras. Uma delas é a cesta sonora, estimulada pelo trabalho da educadora argentina Judith Akoschky. Segundo a autora, o que deve ser observado nesta prática são os materiais, o espaço, a intervenção docente e o planejamento das atividades. Judith baseia parte do seu trabalho na construção de objetos sonoros, os quais ela chama de cotidiáfonos: “O uso dos cotidiáfonos, instrumentos produtores de som com objetos do uso do cotidiano, pode constituir um recurso de inesperadas respostas

1 Violeta Hemsy de Gainza é pianista e educadora musical argentina. Para Violeta, é essencial que os educadores sejam bem formados para trabalhar em sincronia com a realidade social e cultural dos países latinos.

2 Keith Swanwick é professor emérito do Instituto de Educação da Universidade de Londres e formado pela Royal Academy of Music, criou teorias sobre o desenvolvimento musical de crianças e adolescentes e investigou diferentes maneiras de ensinar o conteúdo.

3 Raymond Murray Schafer é um compositor e educador musical canadense conhecido por seu projeto sobre Ecologia acústica e seu conceito sobre paisagem sonora (soundscape). A paisagem sonora é composta pelos diferentes sons que compõem um determinado ambiente, sejam esses sons de origem natural, humana, industrial ou tecnológica.

criativas por parte de nossos alunos pequenos”⁴ (AKOSCHKY, 1996, p. 23). No projeto dos Parques sonoros, os educadores juntaram diversos objetos de variados tipos de material em sua composição⁵, armazenaram em cestas de vime e disponibilizaram para que as crianças manipulassem e tocassem. O ato consistiu em disponibilizar a cesta sonora para os bebês ao centro da sala e coube ao educador a prática da observação e registro do que foi vivenciado. Quando a cesta foi disponibilizada para os bebês, eles pegaram sempre o mesmo objeto? Passavam mais tempo manipulando um objeto a outro? Havia materiais mais atrativos para eles? Como manipularam esses objetos? Os bebês preferiram levar à boca e depois tocar os chocalhos? Essas foram algumas questões que nortearam este trabalho e nas reuniões entre os educadores foram compartilhadas.

Outra prática neste sentido que vivenciei dentro do projeto Parques Sonoros foi o jogo do silêncio. Experimentamos o jogo desenvolvido pela pedagoga italiana Maria Montessori⁶ que prioriza a reflexão e o silêncio, lembrando quase um exercício de meditação. Sem o objetivo de disciplinar a sala, sua prática cotidiana reflete na criança: foco e equilíbrio e o desafio de ficar em silêncio torna-se divertido. O jogo pode começar com o tempo de 5 segundos e ir aumentando progressivamente até 1 minuto. As crianças são convidadas a observar um objeto - uma

4 Texto original: “El uso de los cotidiáfonos, instrumentos productores de sonido con objetos de uso cotidiano, puede constituir un recurso de insospechadas respuestas creativas por parte de nuestros pequeños alumnos”.

5 Na cesta há chocalhos de vime, de plásticos, potinhos plásticos e de metal, plaquinhas de madeira, cachos de tampinhas plásticas e de metal, latinhas, pandeiros, embalagens transparentes com objetos dentro, copos, pulseiras de plástico e metal amarradas juntas, fundo de garrafas PET, carretéis de lã grandes vazios, bonecos com gizos, cabaça e sementes.

6 No século 20, Montessori criou um método educacional conhecido por valorizar a individualidade e a liberdade da criança e estimular suas percepções sensoriais e motoras.



vela, por exemplo, e no final apagam a vela, ou olhar atentamente uma planta, ou até mesmo fechar os olhos – e antes de iniciar o processo, estimula-se a criança a pensar em coisas boas e respirar tranquilamente. Schafer também tem uma prática bem similar, estimulando os alunos a fecharem os olhos e ouvirem o som do seu entorno. Ao ouvir os sons que não tinham percebido, Schafer convida os alunos a comentarem sobre o que ouviram e classifica os sons em categorias: naturais, humanos e de máquina. A partir daí, questiona se os sons que ouviram são agradáveis ou desagradáveis e o que pode ser feito para que os sons agradáveis estejam presentes em maior quantidade no nosso cotidiano. A princípio, as crianças não fecham os olhos com facilidade, mas com a persistência e o passar do tempo elas conseguem realizar a tarefa que se torna uma descoberta para elas. Uma estratégia é pedir para que deitem no chão e fechem os olhos, outra é trabalhar com vendas. O educador sempre encontra alternativas de acordo com sua sala.

Compilo abaixo outras práticas relacionadas à percepção sonora na Educação Infantil. Elas foram vivenciadas dentro do projeto Parques Sonoros nas Unidades da Educação Infantil:

- atividades de percepção de produção do som: estímulo à manipulação dos objetos do cotidiano para entendimento sobre produção do ar e suas relações com a produção sonora, por exemplo, encher uma bexiga e segurar a boca esticada; soprar dentro de uma garrafa; assoviar; falar com um obstáculo na frente da boca.
- atividades de percepção de timbres⁷: disponibilizar objetos plásticos, de madeira, de metal

7 Timbre: propriedade que nos permite distinguir uma fonte sonora de outra. Todo corpo sonoro tem seu timbre característico. Na escrita da música o timbre é indicado de acordo com a música e na partitura é expresso que instrumento ou voz deve executá-lo.

e naturais em sala de aula para estímulo do entendimento das diferenças sonoras entre eles. O educador deve separar alguns objetos sonoros. A atividade consiste em tocar o objeto e a criança adivinhar a fonte sonora. Para isso podemos colocar um pano ou uma mesa virada ao contrário para que as crianças não vejam a fonte. As crianças também podem tocar os objetos para que as outras descubram qual é a fonte. Após a audição, as crianças devem desenhar o som ouvido e, por fim, o educador mostra a fonte e toca novamente. Sugestão: separe materiais diversos: radiografias de pulmão, estojos, tambores, pandeiros, sinos, copos plásticos, chaveiros, sacolas plásticas, jornais, etc.

- atividades de percepção dos sons do corpo: brincar de bater palmas, pés, mãos na barriga, mãos no chão, emitindo sons com a boca (onomatopeias e sopros) e percebendo os sons do couro cabeludo (que podem ser feitos de olhos fechados). Outra atividade interessante é dividir a sala em grupos e cada grupo fica responsável pela produção de som de uma determinada parte do corpo. O grupo se prepara e apresenta para os outros a exploração sonora com a parte do corpo que foi distribuída.
- atividades de percepção dos sons do entorno: andando pela escola com as crianças, parando em determinados lugares, ficando em silêncio e ouvindo os sons para depois desenhá-los (socializar os desenhos e construir um painel com dados coletados. Depois, é necessário ouvir os relatos. O educador pode propor algumas questões norteadoras para a conversa: quais sons foram ouvidos, de onde veio o som ouvido, qual foi a fonte que produziu determinado som; se o som que foi ouvido estava perto ou longe; qual a criança mais gostou; se o som pode ser imitado pela voz

ou pelo corpo e etc. Os desenhos podem ser expostos nos corredores da escola ou outro local que achar conveniente.

- atividades de percepção dos sons cotidianos: consiste no que chamamos de diário dos sons. No diário, as crianças realizam desenhos que ouvem no seu dia a dia. Pode-se estabelecer um horário para que elas desenhem, por exemplo, ao chegar em casa, no caminho de casa para a Unidade e da Unidade para a casa, no primeiro momento na sala de aula, etc.
- atividades de percepção dos sons humanos: gravar pessoas falando, cantando e depois ouvir com as crianças. As crianças podem ir junto com o educador gravar a voz dos funcionários, diretor, coordenador, familiares e colegas para, posteriormente, ouvir.
- atividades de percepção dos sons de máquinas: ouvir os sons da rua e pedir que desenhem os sons de máquinas ouvidos;
- atividades de percepção da intensidade⁸ dos sons: cantar ou tocar variados tipos de materiais ou instrumentos da bandinha. O educador deve utilizar gestos para demarcar os sons que deseja maior ou menor intensidade.
- atividade de recriação da paisagem sonora⁹: Após a audição da paisagem sonora da escola, sala de aula e entorno, o educador deve propor que as crianças criem diversas paisagens sonoras em grupos. Elas mesmas ou o educador podem sugerir locais: rua movimentada, estádio de futebol, floresta, cidade pequena, escritório,

8 Intensidade: a intensidade de uma onda sonora depende da amplitude dessa onda, assim os sons podem ser fortes ou fracos. Na escrita musical a intensidade é representada pelos sinais de dinâmica.

9 O termo paisagem sonora advém do conceito de soundscape, proposto por Murray Schafer e denomina a sonoridade do mundo que está a nossa volta.

a própria escola, cozinha de casa, etc. Para realização desta tarefa, os objetos existentes na sala e sons corporais podem ser explorados.

Eu gosto mesmo de tocar essa garrafa até que vire um samba! Eu adoro sambar (Camila, 5 anos)

Após as atividades sobre exploração sonora, focamos na manipulação de objetos do cotidiano em sala de aula e as crianças foram convidadas a brincar com os elementos de variadas naturezas. Nessa etapa, partimos para a pesquisa de material a partir do conjunto de 4 famílias: madeira, metal, plástico e naturais. A primeira listagem de materiais proposta com as educadoras e crianças surgiu da reflexão da Profa. Dra. Marina Marcondes Machado sobre as atividades nomeadas de espontâneas e o aprendizado das crianças. Segundo a autora, o processo criativo não está dissociado da exploração espontânea:

Dedico esse capítulo à distinção entre a brincadeira exploratória e a brincadeira construtiva, acreditando ser uma a consequência da outra, e sabendo que, na verdade, não ocorrem separadamente, nem são compartimentos estanques. O objetivo dessa distinção é facilitar ao leitor entender a dialética entre o espontâneo e o organizado, o caótico e o ordenado presente nas brincadeiras infantis; além disso, nas atividades de expressão, esses dois momentos (de exploração pura e simples e de construção mais elaborada e sofisticada) também acontecem de forma integrada para a criança (MACHADO, 2007, p. 59).

Dentro do projeto, a exploração dos objetos espontaneamente foi essencial para que as crianças percebessem o som, para que em um processo posterior pudessem exercer atividades relacionadas à pulsação, ao ritmo e à melodia.



EMEI Manoel Bandeira

A partir dessas práticas, sugeri a construção de objetos sonoros com materiais do cotidiano. Seguindo essa linha de pensamento, fizemos a leitura da abordagem da educadora Teca de Alencar Brito e propusemos atividades de construção, escuta e “batismo” do nome dos instrumentos (BRITO, 2003, p. 84). Depois dessa etapa, os parques foram montados com os objetos e explorados pelas crianças.

Como percebemos, o projeto dos Parques Sonoros proporciona a possibilidade da discussão sobre a utilização do espaço escolar e sugere o importante debate sobre a sonoridade do mundo e a questão ecológica e de sustentabilidade tão presente nos dias atuais. Todas essas práticas relatadas afluíram dentro do projeto e ampliaram o repertório sonoro das crianças, estimulando-as para abertura de novas perspectivas sobre o mundo sonoro que nos cerca e sobre si mesmas,

provocando experimentações e contribuindo para o exercício da imaginação, da criatividade, da criação, da liberdade e da interação social. ●

Referências

AKOSCHKY, Judith. **Cotidiáfonos**. Buenos Aires: Ricordi, 1996.

BRITO, Teca Alencar de. **Música na Educação Infantil: propostas para a formação integral da criança**. São Paulo: Peirópolis, 2003.

GAINZA, Violeta Hemsy. **Estudos da psicopedagogia musical**. São Paulo: Summus, 1982.

MACHADO, Marina Marcondes. **O brinquedo-sucata e a criança: importância do brincar, atividades e materiais**. São Paulo: Loyola, 2007.

GONZAGA, Ana. Keith Swanwick fala sobre o ensino de música nas escolas. **Revista Nova Escola**. São Paulo, n. 229, 2010. Disponível em: <<http://novaescola.org.br/artefundamentos/entrevista-keith-swanwick-sobre-ensino-musica-escolas-instrumento-musical-arte-apreciacao-composicao-529059.shtml>>. Acesso em: 26 set. 2016

PIRES, Maria Cristina de Campos. **O som como linguagem e manifestação da pequena infância**. 2006. 107 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

SCHAFER, Raymond Murray. **A afinação do mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora**. Tradução Marisa Trench Fonterrada. São Paulo: Unesp, 1997.

_____. **O ouvido pensante**. Tradução Marisa T. O. Fonterrada; Magda R. G. Silva e Maria Lúcia Pascoal. São Paulo: Unesp, 1991.

SWANWICK, Keith. **Ensinando música musicalmente**. São Paulo: Moderna, 2010.

Caminhos para se chegar ao Parque Sonoro

Por José Leonel G. Dias

Violoncelista, doutor em Musicologia pela Universidade de São Paulo. Formador do projeto Parques Sonoros desde a sua implantação em 2014.



EMEI Antonia de Oliveira Mota de Araújo

Foto: Jovino Soares

Parque: bosque, região preservada, jardim arborizado, cercado...

Caminho: estrada, via, rumo, destino, direção, ...

Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa

A caminho do parque nos deparamos com surpresas, dúvidas e descobertas; trilhas, indicações, obstáculos, novidades, encruzilhadas, atalhos, pontos de partidas e chegadas: podemos nos guiar pelas sensações?

O convite a um passeio pelo parque envolve ao mesmo tempo a vontade e a motivação, a diferença e a coincidência entre ser, ter e fazer.

O ambiente do parque é cheio de coisas, de objetos que têm forma e conteúdo, que têm sons, os que a gente escuta e os que a gente quer escutar... O nosso som e o som dos outros. O parque também está cheio de silêncios... No caminho podemos escolher os sons e os silêncios?

O silêncio pode ser perturbador, pode atrapalhar a paisagem, pode gerar dúvidas e indagações. Mas o som pode ser esclarecedor, sinalizar uma intenção, qualificar uma proposta, ressaltar uma ideia, mostrar uma direção.

Para se chegar ao parque

Para o Parque existem vários caminhos (talvez pela proximidade dos sons). Caminhos que envolvem observação, sensação, atenção, compreensão, desafio, experiência, descoberta...

Para o Parque os caminhos são diferentes

Os sons se fundem, se confundem, nos fazem pensar, imaginar, experimentar, aguçam nossa vontade.

Para o Parque os caminhos são iguais

Só existe um caminho para cada lugar? Só existe um som para cada lugar? Os sons nos levam para algum lugar: um labirinto onde a surpresa está na

constante descoberta de si, por meio do que está fora de si (um si maior...).

Para o Parque os caminhos têm trilha sonora

Será que os sons têm algum significado? Será que o som dos objetos, assim como as palavras, significam algo além dos próprios objetos, além das próprias palavras. Será que no Parque as perguntas têm (precisam de) respostas?

Para o Parque os caminhos têm ações

Ser, ter e fazer se misturam nos sons, na gente: no Parque os meus sons podem ser os nossos sons... Os sons dos outros podem ser os nossos sons.

No Parque os sons são de todos!

Para o Parque os caminhos têm sensações. Os sons podem nos trazer sensações, podem nos fazer lembrar, esquecer, trocar, esclarecer, indagar, representar, vislumbrar, aprender, pois sempre vamos passar pelos sons e sempre por nós os sons vão passar.

Jovem, aos 80 anos em São Paulo, a Educação Infantil insiste em se reinventar, em propor novidades. Agora é o Parque Sonoro!

Coincidência ou não, a Educação Infantil pública em São Paulo começou pela implantação dos “Parquinhos”, iniciativa de Mário de Andrade, que entre outras coisas era professor de música... ●

Referências

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.



Um convite à exploração e criação musical

Por Márcia Moraes

Educadora, especialista em Educação Infantil, musicista e formadora de professores.

O que é Parque Sonoro?

A intenção do Parque Sonoro é a de provocar a curiosidade e despertar a vontade de experimentar, de criar e pesquisar sons de maneira lúdica e divertida, em interação. É uma intervenção no espaço escolar que convida crianças e adultos a entrarem em contato com o universo sonoro sem, necessariamente, a formalidade e status de “fazer” música. Desse modo, como uma brincadeira, as pessoas são convidadas a participar. Pode ser uma oportunidade interessante para ativar a percepção e a consciência dos sujeitos em relação aos sons de seu entorno, possibilitando uma relação mais responsável e criativa sob este universo. Ouvir o outro e interagir com as sonoridades produzidas nesse espaço pode ser um bom começo para a efetiva comunicação e interação entre crianças de diferentes idades e adultos da comunidade escolar.

Como implantar um Parque Sonoro?

O Parque Sonoro é uma ideia motivadora, um pretexto, que possibilita a investigação acerca dos sons, suas relações e parâmetros. Um impulso no sentido de abertura ao novo, a novas possibilida-

des de escuta e exploração dos sons e da Música. Uma provocação que faz adultos e crianças saírem da zona de conforto, do já conhecido e fazê-los reagir frente ao novo e inusitado. Nesse percurso de criação e abertura, abrimos caminho para o contato com a Arte e suas infinitas formas de expressão, criando espaços para a apreciação e reflexão, para a troca de impressões pessoais, novas relações e aprendizagens.

Imagino que algumas etapas são fundamentais no processo de formação com os professores, assim como para o desenvolvimento do trabalho com as crianças, como:

- A experimentação e a pesquisa das possíveis sonoridades com objetos do cotidiano, sucatas diversas e outros materiais disponíveis;
- A seleção de materiais diversos para produção de sons (madeira, plástico, metal etc);
- O planejamento de boas situações de experimentação;
- A apreciação de obras musicais e grupos musicais contemporâneos que utilizem materiais diferenciados para fazer música como Hermeto Paschoal, Stomp, Uakti, Barbatuques e GEM;
- O conhecimento e a apreciação de obras de alguns educadores musicais relacionadas à explo-

ração sonora de objetos e pesquisa sonora dos espaços (em especial, Judith Akoschky; Walter Smetak, Murray Schaffer e Teca Alencar de Brito);

- A improvisação e a composição a partir de experiências pessoais e de grupo;
- A construção de objetos sonoros, instalações sonoras ou esculturas sonoras;
- A criação musical individual e/ou coletiva nesse espaço sonoro;
- A pesquisa de sonoridades e relações que podem ser, numa primeira instância, resultado de experimentação e improviso, assim como, a partir de um uso constante e acompanhado, provenientes de ações mais intencionais e conscientes.

Como as crianças interagem com esses objetos?

Quais as descobertas que fazem?

O Parque Sonoro desperta a curiosidade das crianças que exploram com naturalidade e criatividade as características dos objetos e as diversas possibilidades de criação de sons. Exploram, de forma singular, esses objetos revelando seus conhecimentos prévios e experiências anteriores relacionadas à música e à proximidade com alguns instrumentos musicais e o canto, assim como outros saberes, especialmente ligados ao movimento e à dança.

Qual o papel do professor nos momentos de exploração de objetos sonoros pelas crianças?

Há necessidade do acompanhamento atento do professor e de uma postura sensível diante das experiências e descobertas das crianças. É importante que o professor observe essas situações

e intervenha oferecendo às crianças um “encorajamento delicadamente equilibrado” (GIRARDELLO, 2011, v. 22, n.02), um apoio às suas perguntas, uma provocação possível que enriqueça as experiências e que possibilite as interações e as convide a viverem novos desafios.

Quais os problemas enfrentados pelas equipes no processo de implantação dos Parques Sonoros?

O desejo das equipes de produzir os Parques Sonoros foi o fator primordial para o sucesso dessa empreitada. Foram muitos os desafios encontrados ao longo do processo, como a necessidade de conciliar as atividades da agenda escolar e as ações formativas, reorganizar espaços e materiais nas Unidades Educacionais, envolver a comunidade escolar, “reolhar” as práticas, entre outros.

O planejamento do Parque Sonoro revela a necessidade de considerar as qualidades dos objetos utilizados e o local definido para a instalação do Parque. Alguns aspectos são fundamentais para o sucesso do empreendimento, como: a durabilidade dos materiais usados (principalmente se este espaço ocupar uma área externa), a estética, a qualidade dos efeitos sonoros, a diversidade de sons e as possibilidades de produção. A questão estética, sem dúvida, é um aspecto importante para que esse convite seja eficaz e desperte o desejo das crianças experimentarem e produzirem sonoridades.

O que as equipes pedagógicas descobrem nesse processo?

Em todas as Unidades posso afirmar que o resultado foi positivo, mesmo as mais resistentes ao trabalho apresentaram algum resultado, evi-

denciado pelas falas das diretoras e coordenadoras que, por estarem mais próximas da realidade cotidiana, perceberam avanços, mesmo que ainda incipientes.

Acredito que a possibilidade de criar um espaço de experimentações sonoras é a essência desse projeto. Experimentações que podem provocar nos adultos e nas crianças envolvidas novas aprendizagens e momentos de interação. Produzir sonoridades, ouvir o outro, perceber relações entre os sons e seus efeitos, observar, criar e dialogar com diversas sonoridades são alguns dos propósitos desse ambiente musical.

O processo formativo trouxe para a pauta questões profundas e estruturantes do trabalho educativo, como o olhar dos(as) professores(as) para os seus alunos(as), o planejamento que evidencia as intenções dos professores(as), a integração

entre os campos de experiências, assim como tantas outras. ●

Referências:

AKOSCHKY, Judith. **Cotidiáfonos**: instrumentos sonoros realizados com objetos cotidianos. Buenos Aires: Melos, 2005.

BRITO, Teca Alencar de. **Música na educação infantil**. São Paulo: Peirópolis, 2003.

GIRARDELLO, Gilka. Imaginação: arte e ciência na infância. **Revista Pro-Posições**, Campinas, v. 22, n.2, 2011.

SCARASSATTI, Marco. **Walter Smetak**: O alquimista dos sons. São Paulo: Perspectiva/SESC, 2009.

SCHAFFER, Murray. **O ouvido pensante**. São Paulo: Unesp, 1991.



Sons daqui, descobertas acolá

Por Márcia Moraes

Educadora, especialista em Educação Infantil, musicista e formadora de professores

As crianças reagem aos sons no cotidiano escolar? Em que situações?

Elas exploram as sonoridades dos objetos independente da solicitação dos adultos? Como?

Perguntas como essas permearam os encontros de formação com os professores dos Centros de Educação Infantil - CEIs e das Escolas Municipais de Educação Infantil - EMElS da Prefeitura de São Paulo durante o projeto “Parque Sonoro”. Como professora formadora, minha intenção foi aguçar o olhar dos professores e das professoras para as ações das crianças e resgatar, da prática, movimentos de pesquisa das crianças em relação aos objetos e, mais precisamente, àqueles relacionados aos sons e aspectos ligados à linguagem musical.

Nesse exercício de sensibilização do olhar, muitas observações foram feitas e descobertas em relação às investigações das crianças. As educadoras e educadores observaram e trouxeram cenas do cotidiano em que as crianças brincam com os objetos e exploram sons, ações simples como sacudir, chacoalhar, raspar, bater, observar, imitar.



CEI Jardim Verônia

“As crianças gostam de explorar os sons das canecas nos momentos de alimentação.”

“No momento de escovação de dentes, após o almoço, sempre raspam as escovas nas grades, gostam muito de fazer isso!”

Muitas dessas explorações eram trazidas e, algumas delas, mencionadas como situações inadequadas, em que precisavam dar limites às crianças, e justificavam:

“Não podemos deixar que façam tanto barulho, elas atrapalham os outros grupos”.

O interesse pela produção de sons e pelas sonoridades do ambiente por parte das crianças era evidente no cotidiano das Unidades Educacionais, e a questão trazida por mim era: — Em que momentos permitimos que as crianças explorem os objetos e produzam sons? Podemos planejar situações onde isso seja o foco?

A partir dessas conversas, algumas iniciativas nessa direção começaram a aparecer e para minha surpresa, no decorrer do trabalho, algumas(uns) professoras(es) criaram uma espécie de reco-reco nas grades de uma das Unidades, pequenos tocos de madeira foram presos com fios de nylon, oferecendo uma brincadeira sonora às crianças.

Outras ações começaram a aparecer, iniciativas simples de algumas professoras e pro-

fessores que se mostravam arrojadas(os) para experimentar novas práticas e observar com olhos atentos as descobertas das crianças. Uma professora de CEI criou um varal sonoro, pendurou no meio da sala um fio e nele vários tipos de papéis e outros materiais, convidando as crianças para explorarem o espaço e os sons, criando uma cena rica para a experimentação sensorial.

Uma outra professora de EMEI propôs uma experiência com caixas de papelão ao perceber o interesse do grupo de crianças pelas caixas de bolacha encontradas no refeitório da Unidade. Incluiu em seu planejamento uma vivência musical com este material convidando as crianças a descobrirem possibilidades sonoras com elas, permitindo que percutissem com as mãos, com baquetas, chamando atenção para as mudanças de intensidade e timbre, explorando o som e o silêncio.

Esses são alguns dos exemplos de iniciativas que aconteceram durante o projeto de formação e que evidenciam as mudanças de olhar e práticas provocadas por essa ação educativa. Acredito que todos os envolvidos foram tocados, sensibilizados por esta formação e as crianças, com certeza, valorizadas em suas ações e interesses, olhadas em suas diferenças e potencialidades. ●

Relação entre a resignificação de materiais do cotidiano, a música e o movimento

Por Sara Eliza Oliveira

Formadora do Projeto Parques Sonoros desde 2015. Graduada em Música, saxofonista pela FAAM-FMU e pós-graduada em educação musical pela faculdade Cantareira.

Para onde vai tudo o que “achamos” que jogamos fora? O que podemos criar com aquilo que no momento não me serve?

O Parque Sonoro apresenta a possibilidade de criar, inventar, destruir e reconstruir com o auxílio de bebês, crianças, profissionais e comunidade, para fins recreativos, diversão, movimento, descoberta de sons, ritmos e timbres de forma organizada ou não, tendo como princípio a exploração.

Com esta proposta – Parque Sonoro - a música vai além do conceito preestabelecido pela sistematização da harmonia, melodia e instrumentos tradicionais, o parque torna-se uma exploração constante do som e do silêncio partindo do corpo e passando por canos de PVC, colheres, grãos, pedras, conchas, metais, além da observação de objetos para a transformação do movimento que o mesmo faz e realização de uma releitura com o nosso corpo.

Pensando nisso, trago como exemplo minha proposta inicial nas formações: o que fazer com CD, canetinha, fita crepe e papel?

Podemos montar uma cena, um brinquedo, produzir sons, criar ritmos, reproduzir movimentos,

relacionar canções, vivenciar parâmetros musicais, enfim inúmeras possibilidades.

Estas ideias surgiram no decorrer das formações por intermédio das professoras e coordenadoras, pela disponibilidade de renovar e aguçar a criatividade.

Abaixo seguem sugestões:

- Construção do brinquedo – pião
- Observação do desenho que o pião registra no papel
- Reprodução do movimento do pião e relação com um som corporal ou vocal, além da vivência dos parâmetros de altura e intensidade.
- Brincadeira cantada: o pião entrou na roda

Importante refletir sobre as inúmeras possibilidades que podemos encontrar e realizar com objetos do cotidiano partindo, sempre da descoberta e exploração para depois sugerir algo.

Quando se apresenta um objeto, um som, um movimento pronto, tira a possibilidade de trazer realização e sensações que seria possível pela descoberta autônoma. ●





Foto: Maria Conceição

Sentir

Por Silvana de Jesus

Formadora do Projeto Parques Sonoros desde sua implantação em 2014. Professora e pesquisadora da Cultura Popular Brasileira. Formada em Educação Física e pós-graduada em Dança e Consciência Corporal.

A vida é um verdadeiro lugar de aprendizagem, evolução. Quando pensamos que entendemos algo, a vida nos mostra outras possibilidades.

Certo dia, em um encontro de equipe, escutei uma formadora dizer:

- Quando faz sentido, há envolvimento...

Pois bem, a palavra bateu no coração com muito significado, no momento passou na cabeça o que era primordial na vida. Dessa reflexão, me dispus a ampliar a escuta, apurar o olhar e dialogar. Os encontros com as professoras aconteceram nestas perspectivas. O projeto tinha que ultrapassar os limites da sala de formação, tinha que fazer sentido para todos, para que pudéssemos escutar e olhar as crianças de forma diferente.

A escuta atenta para dialogar com os interesses e propostas das professoras, a disponibilidade e entrega para trocarmos conhecimentos e caminharmos juntas resultou num trabalho cheio de significados para ambas as partes.

Os encontros foram maravilhosos, trabalhamos a prática e a teoria. Juntamos a dança e a música,



EMEI Manoel Bandeira

Foto: Maria Conceição

geramos muito movimento. Nesses dois anos, os resultados alcançados superaram as expectativas.

A seguir apresentaremos dois relatos que deixaram marcas em nossos corpos e memórias.

Em um encontro com as professoras, lemos o texto de Otto Lara Rezende – Ver vendo. O texto retratava coisas que deixamos de ver e observar no nosso cotidiano.

Após a leitura e reflexão, fizemos uma roda e nos propusemos a observar, a olhar nos olhos, a perceber o ritmo fisiológico de cada um e dar um abraço. A vergonha tomou conta. Muitos relatos. Vários detalhes que não haviam sido observados. A pinta enorme na boca da coordenadora que trabalha há 10 anos na escola, o abraço aconchegante da amiga, a carência e timidez. Em um dos encontros uma professora chorou. Só queria um abraço. Forte, como é forte.

As professoras pediram para fazer a roda de observação e de abraço.

A maior observação das professoras foi em relação às crianças. Identificaram que o celular anulava o escutar e o olhar delas, principalmente, quando as crianças estavam brincando e fazendo suas experimentações.

Essas rodas foram tão significativas que em algumas Unidades Educacionais ajudaram a unir mais o grupo. A importância delas foi mencionada na avaliação final.

Um outro relato foi num encontro com as crianças. Fui fazer uma atividade rítmica onde apresentava o pandeiro e algumas formas de tocar, depois distribuí vários pandeiros para tocarem de diversas formas. Observava o jeito diferente que um tocava e chamava atenção de todos para tentarmos tocar como ele.

Acabando a atividade, as professoras mostraram alguns instrumentos, peguei a cuíca e comecei a tocar. A sala já estava “dispersa”, ouvindo o som da cuíca eles pararam. Pergun-

taram: que som é esse? Ficaram em silêncio. Continuei a tocar. Perguntei:

- Esse som parece o quê? Uma criança respondeu:

- Coruja.

Eu disse: - Sim, é uma Coruja.

Um outro perguntou:

- Mas ela está presa aí?

Respondi:

- Não, ela vem, fica um pouco aqui e depois vai embora.

As crianças olharam com aqueles olhinhos de encantamento, lindo. Outro disse:

- Deixa eu ver?

Respondi:

- Não pode ver, só escutar.

Foi muito bom, todos vieram escutar. Também usei a imaginação.

Uma semana depois, a professora da tarde perguntou qual era a história da coruja, sobre a qual as crianças ficaram a semana inteira falando.

Aquilo foi tão lindo, saí cheia de encantamento. Como as crianças são puras, como a imaginação não tem limite.

A arte de brincar, tocar, dançar, imaginar mexe no íntimo. Como ela revela o que somos e acorda o que está adormecido.

Nesta vida cheia de sentido, mergulhei, doei, recebi, colhi as coisas boas. Ganhei novos amigos, ganhei a alegria. Aprendi que estar disponível é a porta aberta para acontecer o diálogo e a aprendizagem.

As crianças nos ensinaram que a música, dança, artes visuais e teatro são ferramentas artísticas que viabilizam a brincadeira. Elas pintam o sete, dançam a cadeira, cantam o silêncio e encenam o faz de conta. Tudo é diversão, essa é a maneira prazerosa de aprender, experimentar, pesquisar e explorar. ●

*Ninguém nasce feito, é
experimentando-nos
no mundo que nós
nos fazemos.*

Paulo Freire



Foto: Maria Conceição

EMEI Manoel Bandeira

Lidar com a mais sensível das artes!

Por Genésio Cruz

Formador do Projeto Parques Sonoros desde sua implantação em 2014. Pedagogo, músico, carnavalesco, cantor e violinista.



Todos nós sabemos que a música é uma das mais importantes linguagens a ser trabalhada na Educação Infantil, mas então que importância e com que frequência ela é trabalhada e oferecida às crianças? Acho que se trata de algo a ser trabalhado primeiramente em nós mesmos, pois vivemos em um mundo sonoro, mas são raras as vezes que paramos para ouvir os sons que nos cercam a todo momento, ou seja, o ambiente sonoro. Quando digo a mais sensível das artes é porque existe a integração de várias outras linguagens inseridas em uma música, tornando-a mais sensível e mais completa.

O Parque Sonoro é um projeto que se inicia dentro da sala de aula, pois visa a transformação também desse espaço, que, de certo modo, é o local em que o olhar está voltado para o educar, e aí está a questão, por onde começar essa transformação? Acredito que a melhor resposta seria a sensibilidade. Começando em nós mesmos, acrescentando um pouco do que vivemos e ouvimos, isso mesmo, costumo dizer que só damos à criança aquilo que temos e, muitas vezes, em sala de aula, eu só tinha a música para oferecer, mas isso é uma outra história, que depois eu conto.

A questão de começar o Parque Sonoro pela sensibilidade acontece quando abrimos não só os nossos ouvidos, mas também a mente e o coração, pois dessa maneira despertamos um estado de sensibilização sonora, como aquela que acontece quando ouvimos uma música da Whitney Houston e choramos sem entender uma palavra sequer em inglês, daí um olhar para o que acontece dentro e ao redor de nós, logo, entender que a música acontece a todo momento, basta sentir. É importante iniciar este trabalho do Parque Sonoro com o ouvir, perceber os sons em sua volta, das coisas, dos ambientes, do próprio

corpo, da natureza, enfim, todos os sons. Este é um processo que chamamos de conscientização sonora e, em seguida, a exploração sonora dos objetos antes de ressignificá-los. Esse trabalho acontece por meio de brinquedos, jogos, brincadeiras, pois todos envolvem sons, afinal, o que não envolve?

O Parque Sonoro se inicia na relação da criança com o objeto, na transformação desse objeto em instrumento e na exploração dele, produzindo, interagindo, atuando e imaginando, mas começa por você. Pare e experimente ouvir os sons em sua volta, escute suas músicas e ofereça às crianças. Também escute as delas, não se importando com o estilo, sinta-se movido pelo ritmo de cada uma delas, crie, transforme, ressignifique e ofereça espaços e objetos para exploração sonora, rítmica e melódica, pois lidar com a mais sensível das artes é isso, se deixar levar pelo sentir. ●

*“... Música é vida, Música é movimento
A música é a dança dos sons.
A música é uma linguagem, posto que é
um sistema de signos. De signos sonoros,
naturalmente. De signos musicais. Linguagem
como meio de expressão.”*

Teca Alencar Brito

Referências

BRITO, Teca Alencar. **Han-Joachin Koellreutter**: ideias de mundo, de música, de educação. São Paulo: Peirópolis/EDUSP, 2015.



Parque Sonoro

Processo Comunicacional como construção no Espaço de Arte Educação

Por Rosana Massuela

Gestora de Processos Comunicacionais pela ECA-USP, título de Comendador pela Sociedade Brasileira de Arte e Educação. Assessora e consultora em Arte Educação, regente e musicista. Formadora do Projeto Parques Sonoros desde 2015.

[...] nada é mais difícil para um verdadeiro pintor do que pintar uma rosa, porque, para fazê-lo é-lhe preciso primeiro esquecer de todas as rosas pintadas.

Henri Matisse



Foto: Jovino Soares

Comunicar Arte

Uma das maiores qualidades do homem é a capacidade de comunicar emoções, sensações, ideias e, por esse ato de comunicação, o homem pode se relacionar com outros homens, longe e perto no tempo e no espaço. Para se comunicar, o homem inventou, criou símbolos, e a criação de símbolos é uma de suas mais antigas faculdades primárias, mas é um processo fundamentalmente humano que se mantém o tempo todo. Esse processo compreende fantasias, objetivos, consciências de valores, percepção de vida, ideologia, estereótipos, etc...

O homem buscou sempre expressar o que viu e sentiu. Dos desenhos e pinturas das cavernas surgiu todo um sistema. O registro escrito, o alfabeto, e todas as linguagens escritas nada mais são do que extensões dessas imagens iniciais.

As linguagens artísticas como pintura, artes plásticas, música, cinema, teatro dão ao homem meios de comunicação com outros homens e outras épocas, épocas futuras, meios que transcendem. Pintores e compositores inventaram símbolos que podem ser transmitidos de pessoa a pessoa e que comunicam ideias e sentimentos.

A arte desempenha um papel importante na formação do homem. Compor, desenhar, pintar, tocar, interpretar constituem um processo complexo em que o homem reúne diversos elementos de sua experiência para formar um conhecimento novo e significativo.

No processo de selecionar, interpretar, reformular e construir esses elementos, o indivíduo proporciona mais do que um quadro ou escultura, proporciona parte de si próprio: como pessoa, como seu sentir e como ver.



EMEI Antonia de
Oliveira Mota de Araújo

Foto: Jovino Soares

A arte é considerada como instrumento e meio de comunicação. Interessa à vida e à educação do homem sob diversos aspectos.

Cada homem é um indivíduo dotado de um conjunto de sentidos e de uma série de qualidades que lhe são próprias. Deduz-se, então, que cada um possui uma visão diferente das coisas e que seu testemunho será pessoal, uma interpretação única.

A relação entre o artista e seu meio é um dos ingredientes básicos de uma experiência artística ou de criação artística.

O homem aprende através dos sentidos. A capacidade de ver, sentir, ouvir, cheirar e provar proporciona formas pelas quais o homem realiza uma interação com seu ambiente, que é proporcional à sua oportunidade de aprendizagem.

A importância de garantir acesso, contato com importantes obras e ter oportunidade de parti-

cipar da formação artística como parte essencial do processo educativo pode significar a diferença entre um indivíduo criador e flexível e um outro que tenha dificuldades no estabelecimento de relações com seu meio.

O homem que não teve a oportunidade de tocar um instrumento, ver objetos, assistir a peças teatrais ou se deixar envolver pelo seu meio se fecha em si mesmo.

Todas as linguagens artísticas se fundamentam em uma série de símbolos básicos. A música, a pintura, a literatura, o cinema, e outras linguagens que implicam abstrações têm vida própria. Mas quando as estudamos a fundo, e as aprendemos, essas abstrações atuam como um caleidoscópio voltado para nós mesmos. A arte permite ao homem perceber certas relações fundamentais. A arte não registra apenas os fatos históricos sociais, políticos, físicos de sua existência. Ela transcende esta realidade objetiva dos fatos, somando-lhe a expe-

riência e interpretação subjetiva do homem, retratando suas impressões pessoais sobre aqueles fatos, simultaneamente ao diagnóstico, definição e explicação racional da condição humana.

A arte não para no registro dos fatos naturais, mas revela a natureza quando interpreta suas intenções e formula seus desejos.

Consciente ou inconscientemente, o artista procura mudar e melhorar a condição humana. Quando o homem se contenta com as coisas como são, não há estímulos para sua atividade criadora. Existe o conformismo e o homem não o percebe no seu dia a dia.

A arte enriquece e aprofunda a vida. Com seu ato criador, o homem também procura transformar e enriquecer o que o cerca. A arte pode tocar todos os aspectos da vida humana e torná-los mais agradáveis e belos. Muitos produtos correspondem às nossas necessidades intelectuais, afetivas e espirituais, como películas cinematográficas, vasos, cerimoniais, esculturas, ilustrações de livros. Todas as formas de arte correspondem às necessidades estéticas do homem, e suas necessidades são comuns a toda humanidade.

A arte não está separada da técnica. Desde os tempos pré-históricos, o prazer estético tem sido fonte geradora na arte. Os utensílios ornamentados, os trabalhos tingidos em peles de animais, as pinturas nos vasos gregos, desenhos complicados, motivos em canos, talha em madeira, instrumentos de caça, de sobrevivência, objetos em cerâmica, entre outros. O homem sempre sentiu necessidade, mesmo em épocas remotas, de atuar sobre o que o cercava, organizando, modificando, embelezando, aperfeiçoando as técnicas, cada vez se superando mais.

A arte é a expressão do homem, em interação com o meio ambiente. Por meio dela se refletem os mais

diferentes aspectos ligados às condições socioeconômico-culturais de cada região, seja na confecção de instrumentos musicais, na linguagem do povo, nos movimentos corporais e gestuais de danças, folguedos e autos; nos ritmos, melodias, harmonias e polifonias dos sons vocais, e nas estruturas tímbricas das manifestações culturais (festas religiosas ou não) na formação de conjuntos musicais.

O conceito de educação artística entre nós tem sido o de complemento que atenta a um status definido pela sociedade e não o de aquisição de uma linguagem integrada no conjunto de vivências de um povo e alimentadas pelos ritmos de suas culturas.

Parque Sonoro Encantamento e comunicar arte

Quando construímos um Parque Sonoro, instalações sonoras e construímos objetos sonoros (instrumentos musicais com materiais não estruturados), colocamos nossas experiências, nosso conhecimento humano, que se dá em diversas e diferentes situações - sentido do ato e produto.

A produção de conhecimentos se dá em todos os níveis sociais e graus de escolaridade, associada a uma postura indagativa, um não acomodamento diante do conhecimento já produzido. O que é importante é ultrapassar a mera transmissão ou aquisição de informações. Importa compreender os procedimentos para a produção do conhecimento, bem como das concepções ideológicas que lhe são subjacentes.

Concepção de construção/reconstrução do conhecimento que se opõe à cristalização de fatos, dados, ideias como verdades absolutas terminadas, criando um pensamento reflexivo e atitudes questionadoras que recolocam continuamente os indivíduos perante o conhecimento como ato transformador do seu dia a dia.



*EMEI Antonia de
Oliveira Mota de Araújo*

O indivíduo tem sempre que propiciar condições para um relacionamento crítico e ativo com o saber produzido em cada realidade e, assim, cada vez mais, abrir caminhos no sentido do conhecimento a ser produzido.

Não se trata apenas de reforçar as ideias e o conhecimento já estabelecidos. Mas aprofundar, como ensina Henri Matisse, no texto *Com Olhos de Criança*, “Para tomar um exemplo, penso: nada é mais difícil para um verdadeiro pintor do que pintar uma rosa, porque, para fazê-lo é-lhe preciso primeiro esquecer de todas as rosas pintadas”.

Assim, o homem - para evoluir na sua existência - tem de superar todos os entraves historicamente colocados, interpretando os fatos de forma que lhe seja mais satisfatória e significativa. Assim, ele poderá experienciar o movimento de viver conforme e não conformado com o seu tempo. Isso pode incluir tanto a assimilação de estereótipos (como os heróis ou os mitos), como o aprofundamento das questões que se refletem no seu cotidiano. Por isso mesmo, a ideia de que a construção da história é feita por sujeitos em diferente momentos.

O levantar questões colocadas pelo presente, vivido como espaço de tensões e conflitos, que se manifestam em múltiplas e variadas dimensões, tem como pressuposto trabalhar com as

experiências cotidianas. Experiências estas que podem ser resgatadas por vários ângulos - que, partindo do presente vivenciado, refletido e sistematizado, buscam a apreensão de outras realidades no tempo e no espaço, também a partir de um referencial que dimensiona a relação com o passado histórico.

É importantíssimo trabalhar, vivenciar, buscar, pesquisar e articular um referencial teórico atento às várias possibilidades - sejam elas culturais, intelectuais, políticas, econômicas - que se abrem no cotidiano, ultrapassando o exercício da dominação e da resistência, para constituir e reconstituir as formas de organização do social.

É importante dar espaço para “ver onde não existe o real”, o poder imaginar, desenhar, fotografar espaços e depois fazer croquis para colocar à disposição os objetos sonoros, instalações sonoras. A descoberta do Parque Sonoro sendo conduzida por olhares sensíveis, levando a criança a descobrir possibilidades de explorar, brincar e fazer arte transformam ambientes, criam novas disposições de objetos, cores e, conseqüentemente, a manipulação dos objetos sonoros e o convívio social. Sempre haverá diferentes Parques Sonoros, instalações, objetos sonoros construídos, diferentes maneiras de comunicar arte, de encantar através dos sentidos, pois são singulares os grupos de formação,



a escolha dos espaços de instalação, a seleção dos materiais para construção, a faixa etária, a pesquisa, a experimentação dos diversos materiais para a confecção dos instrumentos.

A riqueza é envolver a comunidade, a família, compartilhar as experiências que foram realizadas na construção para criar novos espaços de brincar, do fazer artístico e de comungar arte.

A importância de se rever, transformando o seu cotidiano, também se articula com a tentativa de redimensionar relações com o passado, rompendo com o raciocínio apenas cronológico, histórico, causal, bem como com o conhecimento e as práticas produzidas em torno da visão processual, determinada num dever ser - a qualquer custo -, num romper com dogmas e preconceito.

Usar o cotidiano como ponto de partida para resgatar sujeitos do conhecimento, da aprendizagem, sem reduzir a produção do saber à observação, ordenação e sistematização dos dados imediatos e aparentes, pressupõe promover um diálogo entre, de um lado, noções/conceitos artísticos/culturais, que devem ser construídos, e, de outro, a própria realidade vivida. Este diálogo poderá possibilitar uma compreensão do sentido de experiência social presente e de um novo conhecimento sobre o passado. ●

Referências

- ADORNO, Theodor W. **Teoria da cultura de massa**. São Paulo: Paz e Terra, 1990.
- BACHELARD, Gaston. **O novo espírito científico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular**. Petrópolis: Vozes, 1978.
- COHN, Gabriel. **Comunicação e indústria cultural**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1981.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1995.
- CHAUÍ, Marilena de Souza. Ideologia e Educação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.42, n.1, jan./mar. 2016.
- DALCROZE, E. Jacques. **Le Rythme, La Musique e L'Education**. Edition Lausanne,
- FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- GOMBRICH, E.H. **Arte e ilusão: um estudo da psicologia da representação pictórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- LOWENFED, Viktor; BRITAIN, Lambert. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1947.
- MATISSE, Henri. **É preciso olhar a vida com olhos de criança**. Revista Brasileira de estudos pedagógicos, Brasília, n. 132, p. 737, out./dez. 1973.
- MORIN, Edgar. **Cultura de massa no século XX**. São Paulo: Forense, 1984.

“Ih!...acabou a festa?”

Por Claudia Polastre

Doutora em História da Cultura pela FFLCH-USP, mestre e graduada em Música pelo IA-UNESP. Formadora do Projeto Parques Sonoros desde sua implantação em 2014.



A frase emblemática foi dita pelo pequeno Átila, de 3 anos, que parou na fila para pronunciá-la, quando chegou cedo no CEI Vereador Cantídio Sampaio, situado na zona norte de São Paulo. O manifesto ocorreu quando, ao passar pelos instrumentos instalados no parque sonoro da escola, me viu, juntamente com a Coordenadora Pedagógica Sônia, retirando um “bambufone” colocado no corredor por onde passava e tocava todos os dias. Seu rosto mostrava a decepção mediante a possibilidade de não ter mais o objeto para passar as mãozinhas e ouvir os sons produzidos pelo bambu. Ao ouvir a frase, nos entreolhamos e Sônia me disse: “não poderia ter frase melhor para traduzir o que são esses objetos para as crianças...uma FESTA! Ganhamos o dia!”. Nesse dia estávamos somente trocando o instrumento de lugar de dentro do parque sonoro para outro mais estratégico para sua manipulação.

O efeito que a música produz numa criança desde seu primeiro ano de vida é conhecido por vários estudiosos e diagnosticado por professores atentos que procuram propiciar às crianças momentos de experimentação sensorial¹. Utilizando a arte como veículo e meio para criar um mundo de qualidade estética que seduz e liberta o imaginário infantil para a criação, o professor pesquisador instiga e observa seus alunos. Dessa observação agrega junto à sua prática diária a exploração da qualidade dos sons diversos que se obtém com os cotidiáfonos.

Observei diferentes relatos de crianças e professores ao longo da implantação dos parques sonoros nas Unidades onde trabalhei e minha proposta neste artigo é trazer alguns desses relatos para contribuir na ampliação da prática musical dos professores. Cenas como aquela do início desse texto nos demonstram como a inserção desses instrumentos ocorre de forma lúdica para as crianças no cotidiano da escola.

Ao ler o artigo, espero que outros professores se contagiem e percebam como é possível propiciar um movimento musical dentro da escola. A criança naturalmente identifica-se com sons produzidos por objetos sonoros, os imita e fazem analogias ao manuseá-los desde sua exploração e confecção². Essa experiência traz uma alegria, uma identidade que somente o movimento de uma FESTA pode provocar!! Segundo Norberto Luiz Guarinello, pesquisador que estuda a vida cotidiana das sociedades humanas:

Festa é sempre uma produção do cotidiano, uma ação coletiva, que se há num tempo e lugar definidos e especiais, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade.³

E respondendo a pergunta feita por Átila, que intitula esse artigo, eu só tenho a dizer: A “FESTA” na escola não pode acabar.

Relatos de Porcessos e Procedimentos

Professoras Ana, Natali e Solange: se apropriando das caixas-cestos sonoros

“Meu filho mudou lá em casa... tudo é som!!” (Sandra, mãe de um menino de 4 anos no CEI CEU Jaçanã)

Os cestos sonoros têm sua origem na concepção de Elinor Goldschmied, no seu livro: “Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em creche” no qual ela cita e defende a utilização dos “cestos dos tesouros” com crianças dessa faixa etária. Ela é uma das maiores especialistas da infância e referência sobre o tema. A partir do vídeo dessa pesquisa-

1 ILARI, B. S., 2011, p. 271-302.

2 SCHAFFER, M. Exploração sonora, 1992.

3 JANSCSO I. e KANTOR, v. II, 2001.

dora, trazido pela Coordenadora do Projeto Parque Sonoro na SME, Maria Cristina Pires, numa reunião de formação, a ideia do cesto do tesouro ampliou-se. Ao mostrar nas Unidades, cada uma partiu para construir suas caixas-cestos sonoros livremente. O mote de ligação entre todos seria o da professora idealizar junto às crianças um cesto ou caixa que contivesse objetos com diferentes sons, a partir de materiais preferencialmente orgânicos, e não plásticos. Objetos de metal, madeira, elementos da natureza como conchas, pedras, folhas e frutos de árvores seriam explorados e trazidos para compor a caixa.

No CEI Jaçanã, as caixas-cestos sonoros das professoras Ana e Natali tiveram um processo muito interessante e valioso. Desde a escolha da caixa e da decoração feita pelos alunos, os objetos elaborados e criados até sua utilização. Segue o relato da professora Ana sobre essa prática:

Caixa Sonora: harmonia, socialização e aprendizagem

A realização e a construção da caixa sonora surgiram como produto dos estudos do PEA, musicalização, em específico dirigido pela formadora Claudia.

Considerando a criança como protagonista, levantamos dados importantes na roda de conversa, abrimos a discussão ouvindo livremente cada uma, começamos pela escolha da caixa, como seria o tamanho, a decoração.

Em seguida veio o momento da pesquisa, revistas e mais revistas e recortes de instrumentos musicais onde as crianças colaram e decoraram a caixa que eles tanto desejavam, estavam curiosos para ver como ia ficar e iam falando: - Prô, nós vamos fazer músicas?, e eu dizia: - Vamos sim.

Portanto, disponibilizamos grande quantidade de materiais (sucatas) que permitiam variedades sonoras. Nesse contexto, as crianças automaticamente iniciaram a exploração com muito dinamismo e interesse e tudo isso estava acontecendo em um espaço do refeitório. Foi uma alegria só quando a caixa foi trazida à sala. Foi um trabalho em conjunto bastante har-

monioso, as crianças iam planejando o que queriam e nós, professoras, Ana Maria e a Natali, íamos ajustando sem nunca esquecer que as crianças são as protagonistas, as autoras daquela caixa sonora que estava para ser concluída e que logo iríamos explorar todos os instrumentos, já que a nossa formadora Claudia nos informou que tudo produzia sons e não era para nós jogarmos nada fora. Fui observando que o nosso trabalho estava ficando muito importante e que era tão significativo para as crianças.

Então, após vários dias de trabalho e dedicação, os instrumentos ficaram prontos.

Na sequência fizemos um pequeno cronograma para aperfeiçoar o uso da caixa, outras salas também seriam beneficiadas com este projeto. Fizemos um passeio pelos espaços do CEI onde as crianças podiam escolher o local para expor os instrumentos musicais. Então foi assim, quando eu perguntava para elas onde queriam colocar os instrumentos alguma criança falava: - Prô, põe aqui, ali... outras falavam: - Prô deixa na nossa caixa.

Pois nesse meio também houve a construção do nosso Parque Sonoro, e aí elas se apropriaram dos instrumentos musicais em momentos diversos e fizeram integração com os amigos. Na sala de aula, quando levo a caixa, é uma alegria só, já que a caixa fica na sala dos professores para uso coletivo.

E, por fim, todos tomaram posse desta construção que nos traz conhecimento, momentos de socialização e alegria.

Da observação do uso da caixa e do parque sonoro para brincar originou o relato abaixo da professora Solange da mesma Unidade Educacional, na Rede Municipal de Ensino desde 2004:

O Brincar, Caixa Sonora e Parques Sonoros: contextualizando os fazeres dos pequenos

Na Educação Infantil temos o brincar como um dos “carros-chefes” dos fazeres diários dos pequenos, cabe ao educador ressignificar a dimensão pedagógica e ter como práxis a observação, ampliação de horizontes, tendo como foco principal a criança protagonista de descobertas e (re)construtora do seu conhecimento.

Nos grupos, a partir do que os pequenos do Berçário I faziam quando a caixa sonora ficava exposta, pude observar diferentes formas de exploração, exemplos: brincavam de rolar os tambores, chocalhos de um para o outro, tentavam abrir para ver o que tinha dentro, o que será que fazia aquele som dentro dos chocalhos e do pau de chuva? Tudo era descoberto. Os olhos dos pequenos eram atentos e alegres.

Contação de História:

Quando a contação de história começava, os pequenos pegavam os brinquedos sonoros para que esses objetos fizessem parte da história, exemplo: história do Jacaré Dorminhoco, eles traziam as cobras feitas de tampas de garrafas PET (eu comecei a introduzir o brinquedo na história, era a cobra que fazia barulho com o chocalho (bambolê sonoro) que acordava o jacaré.

Assim, a hora da história, momento que faz parte do nosso cotidiano no CEI, ganhou mais vida, mais alegria com as possibilidades de fazer e refazer a história com o protagonismo atuante e vibrante dos pequenos.

Passeio ao Parque Sonoro

(Área Externa do CEI)

Somos três educadoras no Berçário I CDE, quando vamos para áreas externas o cuidado e o olhar no que se refere à interação, à exploração e às descobertas dos pequenos têm um fator a mais, que espaço nós dispomos? Quem são os bebês que aproveitam mais as áreas externas, quem são os pequenos que ficam inibidos no primeiro momento e o que desperta a atenção dos pequenos?

Para nossa surpresa, ao chegar no parque sonoro eles brincaram com os sons obtidos por meio de tampas, painéis, argolas e outros brinquedos, além disso eles fizeram o espaço de painéis rítmicos de cabine telefônica, as ligações foram intensas, foi surpreendente ver como a oralidade, a criatividade e a espontaneidade dos pequenos acontecia de forma lúdica e significativa para todos.

No CEI Cantídio Sampaio, a professora Aldenice nos traz sua experiência com a caixa sonora:

A caixa sonora veio para ficar. Sua diversidade de cores e materiais encanta e enriquece a nossa prática pedagógica. Já fazíamos um trabalho de identificação de diversos sons explorando potes com grãos e conchas, meramente como uma atividade que produzia “som-barulho” sem a preocupação de escutar a produção musical com mais ênfase na exploração da percepção, mais apurada a cada momento em que fosse realizada.

Daí, a caixa sonora nos proporcionou momentos únicos que antecederam a manipulação dos instrumentos. O confeccionar, o processo de criação juntamente com as crianças, o papel protagonista delas ganhou amplitude. Com isso, cada dia era uma gostosa e divertida novidade que ia compondo a caixa: guizos, chocalhos com diferentes botões e tantos outros materiais passaram por cada mãozinha, assim manipulados, observados com ouvidos atentos e olhares curiosos... Agudo e grave de uma maneira que encanta e prende a atenção de todos, proporcionando um ambiente com momentos de concentração, harmonia e acima de tudo, familiar...

A criança protagonista na implantação do Parque Sonoro

Fazer os pequenos serem protagonistas de suas culturas infantis nos leva, agora, a outro lado da cidade. Na zona leste, no CEU CEI Formosa, a professora Adelise nos relata todo o processo da experimentação, brincadeira e exploração na construção de um objeto sonoro com suas crianças de 2 anos de idade.

Em primeiro lugar escolhemos o tipo de material que seria trabalhado, no caso as garrafinhas de leite por apresentarem um formato atrativo e um tamanho bom para a pintura e o preenchimento.

Em seguida disponibilizamos o material para que as crianças pudessem explorar de várias maneiras, alguns tiraram a tampa, outros amassaram e usaram de diversas formas.



Foto: Daniel Cunha

EMEI Alberto de Oliveira

O próximo passo foi amarrar as garrafas num barbante na altura das crianças para que realizassem a pintura. Disponibilizamos as tintas para que cada uma escolhesse sua cor preferida.

Num outro momento, disponibilizamos vários tipos de materiais que pudessem emitir sons dentro da garrafa, como: pedra, areia, conchinha, arroz, macarrão, etc. Colocamos em bandejas no chão para que cada criança escolhesse o que gostaria de colocar dentro da sua garrafa.

Depois que cada criança finalizou sua garrafa, deixamos elas explorarem novamente da forma que quisessem, foi uma alegria geral.

Para finalizar, amarramos todas as garrafas num bambolê em formato de um espiral e penduramos na sala, mas não ficou muito bom, então decidimos amarrar na roda de bicicleta, pois ficava mais firme.

A cada momento que as crianças passavam por elas tiravam diversos tipos de sons. Foi uma atividade muito divertida e produtiva.

O Parque Sonoro é popular

Na EMEI Antonio Figueiredo do Amaral, região central da cidade, a professora Alexandra nos conta como todo o projeto contribuiu para diversificar a rotina

das suas atividades e como incorporou brincadeiras e experimentações realizadas ao longo da formação até a “festa” que o parque sonoro provocou:

O parque sonoro tem grande representatividade para mim e tenho certeza que para todos da escola.

Eu tentei utilizar os conhecimentos adquiridos na formação e levá-los para a sala de aula. Pensei em como aplicá-los com uma turma tão numerosa, mas com boa vontade encontramos alternativas e comecei a dividir as crianças em grupos menores.

A turma do Infantil II (tem entre 5 e 6 anos) já apresentava grande interesse por atividades relacionadas à música, o que me deixou muito feliz!

O primeiro passo foi realizar atividades que possibilitassem que as crianças voltassem a atenção aos sons que existem em nosso ambiente, para isto, bastou fazer uma roda e conversar a respeito, falando sobre ruídos agradáveis, desagradáveis e ouvir seus relatos.

Na sequência exploramos alguns sons produzidos com o corpo, e também utilizamos algumas canções do Barbatuques.

Fizemos uma atividade chamada “Bola Sonora” na qual em roda cada criança, na sua vez, segura uma bola imaginária e joga para outro colega emitindo um

som para sua jogada, as crianças foram muito criativas, produziram som de bola pesada, leve, mágica, saltitante, entre outros. Para cada uma destas jogadas eles criaram sons muito divertidos!

Também distribuí instrumentos convencionais e levei o violão, cada criança em determinado momento da música “O caramujo e a Saúva” deveria tocar seu instrumento representando um personagem da canção. Foi uma atividade muito bacana onde cada um tinha que esperar sua vez e o momento exato para tocar seu instrumento.

Outra atividade interessante foi a partir de uma música Celta, King of the Fairies, apresentada pela formadora Claudia, onde as crianças divididas em dois grupos dançavam ao som de cada instrumento realizando movimentos de acordo com a intensidade de cada um. Foi lindo!

Houve uma dinâmica em que as crianças em roda falavam em voz alta as sílabas do seu nome e para cada sílaba elas faziam um som ou movimento com o corpo. Muito divertido e exige muita atenção.

Certo dia levei para a sala alguns objetos que já havíamos produzido para os parques sonoros e apresentei cada um, deixei as crianças manipularem, explorarem à vontade, sempre lembrando os cuidados necessários para sua preservação.

Em outro momento utilizamos a mesma canção do “O Caramujo e a Saúva” só que sem o violão e utilizando os objetos sonoros construídos para os parques. Foi sensacional, pois as crianças, já familiarizadas, utilizaram cada objeto no momento certo da canção.

As crianças já tinham acesso aos instrumentos musicais convencionais, a escola tem uma variedade deles, tais como: flauta, tambor, agogô, chocalho, guizo, triângulo, reco-reco, entre outros, contudo o grande desafio era introduzir na rotina escolar os instrumentos construídos a partir de objetos do cotidiano.

Após a instalação dos objetos sonoros na área externa da EMEI, as crianças puderam explorá-los livremente e apreciá-los.

Foi uma grata surpresa vê-los tão envolvidos com este projeto, valorizando cada instrumento, mostrando para seus familiares no horário de saída e muito orgulhosos.

A aluna Larissa fez o seguinte comentário: “Eu adorei o parque sonoro! Ele está ficando popular!” Quando questionada a respeito do que era ser popular, respondeu assim: “popular é uma coisa que todo mundo gosta”!

Muitas crianças elegeram seus objetos sonoros favoritos e o aluno Luís Mário relatou: “O parque ficou mais bonito! Temos que tocar os instrumentos com cuidado para não estragar!”.

Só tenho a agradecer a oportunidade de trabalhar um conteúdo tão rico que é a música nas suas diferentes formas e poder levar até as crianças esses momentos tão prazerosos.

Podemos constatar que em todos os relatos há um cuidado por parte das professoras em propiciar movimentos de arte e música na escola, cada uma do seu jeito, com seu olhar atento e vigilante sobre sua turma. Elas procuraram perceber possibilidades, criar e transformar atividades que atendessem às vontades das crianças a partir da exploração sonora.

Recriaram o símbolo da festa no brincar, na alegria e no fazer coletivo. Dessa maneira, introduziram a linguagem musical de forma lúdica como a festa propõe. Nas produções das crianças trouxeram ações coletivas para o cotidiano nas quais implica a concentração de afetos e emoções em torno dos objetos celebrados e comemorados e cujo objetivo principal é a simbolização da unidade na participação ativa dos participantes.

Fizeram da exploração dos sons uma “festa” popular! E como disse a aluna Larissa:

“popular é uma coisa que todo mundo gosta”! ●

Referências

SCHAFER, M. **Exploração sonora**, São Paulo: Melhoramentos, 1992.

JANSCSO I; KANTOR I. (Org.). **Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo, EDUSP, 2001. v.II

ILARI, Beatriz S. **Em busca da mente musical**. Curitiba: Ed. UFPR, 2011

GOLDSCHMIED, Elinor; JACKSON, Sonia. **Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em creche**. 2. ed. São Paulo: Artmed, 2006.

O Som: criação, execução e registro

Por Dan Ricca

Formado em Música pela FMU e pelo EMESP (ULM). Pós-graduado em Jornalismo Cultural pela FMU. Formador do Projeto Parques Sonoros desde 2015.



Foto: Jovino Soares

Somos capazes de ouvir as mais diversas manifestações e paisagens sonoras, percebemos os sons da natureza, da cidade, dos animais, dos objetos e produzimos também nossos próprios sons, seja de forma orgânica, pela própria naturalidade ou necessidade de serem produzidos pelo nosso corpo e a interação com o mundo que nos cerca em nosso dia a dia, ou de forma intencional, como num processo criativo de sons com o corpo, a voz e objetos. Esse processo criativo com os sons pode se relacionar com um processo de criação musical, pois a música não é nada mais do que o processo de criação através da organização ou da não organização de um material sonoro preestabelecido.

A música, por ser uma arte que está diretamente relacionada ao tempo, ainda traz por tradição a necessidade de um registro visual e/ou sonoro para que se possa ter alguma referência posterior a sua criação, mas ainda fica a questão de ser ou não possível realizar um registro dessas criações experimentais com os sons, estando fora do contexto da música tradicional. Se observarmos o som e com suas quatro propriedades: Altura, Duração, Intensidade e Timbre, podemos classificar as diversas sono-

ridade por meio de adjetivos que qualifiquem a variação dessas propriedades. Por exemplo: altura: agudo X grave, duração: longo X curto, intensidade: forte X fraco e timbre: a origem e fonte da produção sonora. Assim, quando ouvimos um ou mais sons, podemos, ainda que de forma relativa, classificá-los quanto a sua forma de apresentação no tempo-espaço.

A música tradicional, dentro de um registro visual, é escrita com códigos já preestabelecidos no meio musical e inseridos numa partitura. São códigos que procuram ser os mais específicos possíveis para que façam jus àquele registro de criação/composição. Com os sons, o processo não foge à regra, porém ganhamos mais liberdade para realizarmos esse registro, pois, já de início, temos a possibilidade de criar nossos próprios códigos, desde que haja uma oportunidade de serem expostas as relações objetivas entre som e código. Se partirmos de alguns códigos que estabelecem relações com cada uma das propriedades do som, já temos então a possibilidade de registrar nosso material sonoro.

Temos agora, como exemplo, apenas traços retos para qualificar esses sons e assim realizarmos um primeiro registro visual. A alteração no desenho do tracejado ficará responsável por registrar as diferentes variações das propriedades do som.



Altura – tracejado superior: som agudo / tracejado inferior: som grave

Duração – tracejado comprido: som longo / tracejado curto: som curto

Intensidade – tracejado simples: som fraco / tracejado em negrito: som forte

Timbre – voz ou objetos sonoros

Observamos que os diferentes tracejados representam as variações das propriedades do som. No primeiro, um som mais grave, curto e fraco; no segundo, um som mais agudo, longo e fraco; no terceiro, um som mais grave, longo e forte e no quarto, um som mais agudo, curto e forte.

Uma das atividades propostas às professoras e professores foi, após experimentarem algumas atividades de criação e experimentação dos sons da voz, do corpo ou de objetos, que iniciassem um processo de registro dessas sonoridades, partindo da relação desses sons, suas 4 propriedades e os códigos básicos já preestabelecidos, os diferentes tipos de tracejados.

As diversas partituras das sonoridades registradas durante as formações foram feitas em grandes pedaços de papel craft. Os grupos tiveram a oportunidade de fazer o registro em tamanho ampliado, o que deixou as educadoras e os educadores intrigados, pois não imaginavam que já poderiam compor suas partituras sonoras assim de forma tão espontânea.

O elemento surpresa estava por vir no próximo encontro da formação, os grupos trocariam suas partituras entre si, assim cada um experimentou a partitura do outro.

Os participantes se envolveram com a proposta da partitura, o que possibilitou a interação e descontração de todos os envolvidos na formação. Assim, foi possível relacionar a imagem com o som e vice-versa, por meio do registro desses códigos que, embora não estejam presentes na escrita tradicional da música, foram válidos para a proposta. Este registro é uma partitura experimental, resultados da experimentação e criação com os sons da voz, do corpo ou de objetos. ●

A linguagem dos corpos: breve olhar para a sala dos professores

Por Viviane de la Nuez Cabral

Assistente Técnico de Educação I na Divisão de Educação Infantil - COPED/SME.



Foi pela linguagem expressa nos olhares, gestos, sorrisos, rodas, pulos e danças que aprendemos a notar o quanto os corpos, aparentemente dormentes, ansiavam por momentos em que lhes fossem oportunizadas experiências que despertassem o que sempre esteve lá, acalmado, no nosso íntimo, na nossa vontade, no nosso ser: a alegria e o entusiasmo em conhecer, experimentar, viver e comunicar-se pelo corpo.

O maravilhamento dos corpos foi se revelando a partir dos acompanhamentos e visitas que a Coordenadoria Pedagógica – Divisão de Educação Infantil (COPEP-DIEI) realizou nas formações das Unidades atendidas pelo Projeto Parques Sonoros ao longo dos anos de 2014 a 2016.

Entendemos que os horários coletivos de estudo e (re)planejamento, os horários do PEA – Projeto Especial de Ação, as horas-atividade, as reuniões pedagógicas e outras ações formativas geram momentos de trocas de experiências, planejamento, reflexão sobre a prática, construção, sistematização de registros, reflexão, desafios para a transformação de práticas e o fortalecimento do exercício coletivo de toda a Unidade Educacional.

Nesta perspectiva, as formações assessoradas pela DIEI e planejadas pelos formadores procuraram, a partir de um olhar atento e sensível das realidades territoriais, construir momentos de formação que ressignificassem a música e seus conceitos, mas que também oportunizassem momentos formativos que reconstruíssem a concepção de professor, de educador e mais profundamente de brincante da infância, condição esta para transitar no universo infantil.

Quando as canecas falam...

Os “agora adultos” que viveram a experiência da Educação Infantil em algum momento de suas vi-

das reconhecerão rapidamente o objeto que descrevo: cilíndrico, com alça, na maioria das vezes de cor azul e utilizada para transporte de líquido.

Para aqueles que não viveram a experiência da Educação Infantil ouse revelar que se trata de uma caneca. Sim uma simples caneca, objeto tão presente no cotidiano de nossos bebês e crianças.

A caneca para o bebê e criança é mais um brinquedo, uma extensão do seu corpo, um objeto de linguagem para se expressar com o mundo.

Experimentamos em uma formação com um grupo de professores na Escola Municipal de Educação Infantil Alm. Sylvio de Magalhães Figueiredo. A descoberta de que uma caneca não é apenas uma caneca, e que este objeto pode se transformar naquilo que as crianças e bebês acreditam que ela possa ser.

A formação iniciou como uma breve explanação do que iríamos explorar e os materiais que iríamos utilizar para aquele momento.

Sara Eliza Conceição Oliveira Yamaguti, nossa formadora, aguardou que todos os professores chegassem ao espaço da formação, neste caso a sala dos professores, e se acomodassem. Alguns se sentaram nas cadeiras em volta da mesa e outros num sofá largo e aconchegante disposto um pouco mais distante da mesa onde aconteceria a formação.

Assim que os corpos se acomodaram, as comandadas da experiência foram dadas pela formadora.

“Vamos explorar as canecas”: bater na mesa, criar um ritmo, somar ao ritmo que outros colegas produziram, aproximar a caneca da boca e perceber a partir do ar que sai de nossa boca o som produzido. Esta brincadeira revelou que aquela caneca azul de plástico, também é uma caixa de ressonância.



Foto: Maria Conceição

CEI Jardim Verônia

Naquele momento, aquela formação possibilitou aos professores a experiência de se tornarem autores, pesquisadores, experimentadores. Características que nós professores precisamos manter vivas ao longo de nossa carreira, principalmente quando estamos com nossos pequenos, para que eles também se sintam empoderados em viver experiências e descobrir por meio delas as linguagens do mundo e para o mundo.

Como foi divertido, como os risos saíam frouxos dos rostos atentos ao que estava acontecendo, como os corpos se mexiam. Aqueles professores antes distantes da mesa, sentados nos sofás, colocavam-se mais próximos, desejando se aproximar daquela experiência tão mágica e viva que as canecas de leite com achocolatado, café ou suco foram capazes de produzir.

Onde estão as canecas no refeitório?

Tantos momentos ricos e singulares são vividos nas Unidades Educacionais que apenas os

sujeitos que estão diariamente com os bebês e crianças podem decifrar os milhares de códigos e linguagens indecifráveis para aqueles que não participam deste universo.

Também é assim com as canecas nos momentos de alimentação. Como dito anteriormente, este objeto tão singelo é um brinquedo potente, capaz de salvar o mundo no imaginário dos bebês e crianças.

Quem, ao caminhar nos corredores das Unidades, nunca ouviu o som produzido pelas canecas quando os bebês e crianças as batem na mesa, as deixam cair no chão, batem caneca com caneca, colocam próximas de suas bocas e descobrem que sua voz fica diferente, mais grossa ou a colocam em suas orelhas e descobrem que podem escutar melhor e se encantam imaginando tantas coisas possíveis de realizar com aquele objeto, mas que adultos não podemos compreender?

Cabe a nós, educadores, entender que o encantamento com as descobertas de nossos bebês e crianças nos inúmeros espaços por nós planejados é a alegria da aprendizagem.

Pode ser demasiado prepotente dizer que ao explorar com os professores as supostas “potências” de uma caneca estejamos ressignificando a música ou reconstruindo as concepções dos professores, mas não restrinjamos nossos olhares apenas para as canecas, elas são a ponta do “iceberg”. Coloquemos nossas atenções e olhares para tudo aquilo que está circundando nossos bebês e crianças, as tintas, os panos, os berços, as mesas, as pedras, a terra, tudo que integra ou deveria integrar o universo infantil e enriquecer suas vivências e torná-las únicas para estes pequenos de olhos brilhantes e corpos potentes.

A transformação do olhar e do sentido ao que vivemos e experimentamos se torna palpável, real e significativa quando nos aproximamos com entusiasmo, desejo, estudo e aprofundamento daquilo que nos cerca, dos sujeitos que estão ali conosco nos corredores, salas, refeitórios, parques, sejam eles bebês, crianças, jovens, adultos ou idosos.

O acompanhamento da DIEI nas formações do Projeto Parques Sonoros evidenciou que o sentir precisa vir antes do saber.

Conviver, confiar, estabelecer parceria, pesquisar, foram ações que estiveram presentes nos períodos de formação e se revelaram cada um a sua maneira, com sua identidade respeitada, valorizada e reconhecida nas construções dos Parques Sonoros.

O planejamento e a execução das propostas apresentadas pelo formador, nos momentos de encontro com os professores, reafirmam e destacam a relevância da ação formativa que possibilita que as aprendizagens aconteçam nos espaços educativos de maneira integral, resgatando as linguagens e reconhecendo nossos bebês e crianças como sujeitos criativos, imaginativos e pensantes. ●

Foto: Maria Conceição



CEI Jardim Verônia

“Agora eu sou uma banda”

Por Alessandra Arrigoni

Assistente Técnico de Educação I na Divisão de Educação Infantil - COPED/SME.

Lembro-me bem e com muita felicidade do momento em que escutei a frase “agora eu sou uma banda!”, estava no CEU São Mateus representando a equipe da Divisão de Educação Infantil – DIEI, para acompanhar a instalação dos objetos sonoros no parque. Os bebês e as crianças do CEI e da EMEI estavam lá, interagindo com seus pares, com as professoras, com o espaço e objetos.

Entre tantas brincadeiras, ao som de chocalhos feitos com garrafas PET e sementes, sons de batuscas extraídos das panelas com colheres de madeira, som de tambores criados com os baldes e o toque das mãos, o som de chaves tocadas com pequenos pedaços de madeira, o vai e vem do balanço e a brincadeira na areia.

Clara Lua, uma menina de cinco anos, que brincava com os objetos sonoros organizados no quiosque do parque, chamou minha atenção e comecei a observar sua brincadeira narrada, foi quando escutei “agora eu sou uma banda!”, sem interferir em sua brincadeira, continuei observando e maravilhada pude perceber como ela estava envolvida e imersa no imaginário no qual tocava os objetos e interagia com sua amiga.

Refleti sobre o sentimento de maravilhamento que tive diante de tal cena. Afinal, o que aquela

Foto: Daniel Cunha



cena me trazia de novo? Também sou professora da infância. Que diferença senti na expressão de Clara Lua que não tivesse sentido antes com os bebês e crianças com os quais estive? Concluí que a mudança estava na minha escuta e olhar sobre os fazeres dos bebês e das crianças.

A poética daquele momento estava nas “escutas” que fiz daquela fala e do contexto compreendendo que o que ele me dizia carregava muitos signos e significado, na corporeidade da Clara Lua que se colocava por inteiro na relação com os objetos, tornando seu corpo uma extensão dos “cotidiáfanos”, ao mesmo tempo em que imaginava e criava um contexto de faz de conta no qual ela era “uma banda”. Desta maneira, se expressar e interagir de corpo inteiro demonstra as possibilidades de produção das culturas da infância no contexto da Educação Infantil.

Acompanhar as ações desenvolvidas no Projeto Parques Sonoros permitiu um olhar ampliado sobre a ação de formação *in lócu* que gera uma mobilização e envolvimento de toda equipe da Unidade Educacional, dos bebês e das crianças familiares/responsáveis, com o propósito de construção de um projeto integrado no qual o principal interesse é possibilitar que bebês e crianças possam brincar, se expressar, experienciar, criar,

recriar, construir, desconstruir e narrar num processo em que são sujeitos de sua aprendizagem exercendo portanto a autoria.

Se partimos do pressuposto que os bebês e as crianças são sujeitos sociais, históricos e culturais que se constituem na interação com o outro e com a cultura, precisamos olhar para eles e elas com olhar sensível e atento as suas diversas formas de expressão que se manifestam por meio de gestos, balbucios, toques, palavras, choros, sorrisos. Entender o que estes sujeitos nos dizem de corpo inteiro possibilita a organização da ação pedagógica organizando tempo, espaços e materiais que potencializem as expressões, descobertas, hipóteses e criações pelos bebês e crianças e, ao mesmo tempo, assegure contemplar seus saberes, desejos, necessidades e vontades.

O Projeto Parques Sonoros visa contribuir com a formação das educadoras e dos educadores para que compreendam a concepção de infância proposta, bem como seu papel nesse contexto, sendo empoderadas e encorajadas a exercer uma prática pedagógica coerente, na qual também empoderem e encorajem os bebês e as crianças em suas brincadeiras, em seus fazeres e em suas interações. ●

A group of young children are gathered around a sound park structure made of white ropes. They are holding onto the ropes and some are playing with colorful beads on a string. The children are wearing various clothing, including a pink jacket, a grey hoodie, and a white t-shirt. The background shows a concrete ground and a tree trunk.

A experiência de implementação do Parque Sonoro no CEU EMEI Aricanduva

Por Amanda Gomes Pinto e Lilian David

Professoras de Educação Infantil e Ensino Fundamental I da Rede Municipal de Educação de São Paulo

Nossa EMEI já vinha desenvolvendo um trabalho com música voltada para musicalização da infância, buscando ampliar o repertório de cultura de tradição brasileira de nossos meninos e meninas. Nossas intervenções nas festas culturais sempre foram relacionadas a essas vivências realizadas com as crianças (catira, congada e cacuriás, entre outros). Todo ano o repertório de brincadeiras que as crianças conhecem aos poucos é ampliado a partir das atividades e experiências que ocorrem em nosso quintal, local eleito para ressignificar o brincar tradicional há muito esquecido dentro do meio urbano devido ao desaparecimento desse espaço encantado onde as crianças de outras épocas celebravam suas infâncias e trocavam seus brincos: o “quintal” das casas. Essas vivências surgiram a partir de um projeto premiado pelo Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT, chamado “Vamos brincar no quintal”, que aconteceu no ano de 2005. Esse repertório de brincar, como em toda a cultura popular brasileira, africana, indígena e cultura latino-americana e caribenha, está enlaçado diretamente com a musicalização, num espaço que propõe o brincar, seja ele dirigido e/ou espontâneo.

O projeto Parque Sonoro - formação para educadores e educadoras - chega a nossa escola em 2014/2015, um ano depois de contemplarmos no nosso PEA a “Música na Cultura da Infância”, e vem agregar novos fazeres, acrescentando novas reflexões, ações e interações aos ideais da escola, já que também estávamos experimentando a intervenção nos espaços da escola, do CEU e da comunidade, dando autoria a projetos elaborados por nossas crianças. A criação de um novo espaço com as crianças, aproximando o lúdico da música e inserindo a possibilidade de intervenção no meio a partir das reflexões, contribuições e planejamento das crianças nos pareceu bastante significativo, então absorvemos o projeto da Secretaria Municipal de Educação - SME

dos Parques Sonoros e crescemos nosso viés: o protagonismo infantil.

Quando compartilhamos com o grupo de crianças sobre a criação do Parque Sonoro, logo o grupo ferveu!

Iniciamos uma pesquisa para saber qual seria o melhor espaço para a construção do nosso Parque Sonoro. Participantes da comunidade, críticas e cheias de ideias, as crianças apontaram a necessidade de ocupação dos espaços que não eram utilizados. As discussões sobre a problemática do cotidiano escolar, assim como as possíveis soluções, eram pauta de nossas rodas de conversa diárias na maioria das turmas.

Nossas rodas de conversa com as crianças começaram então a apontar como solução a não utilização dos fundos da escola a necessidade de sua ocupação com algo que tornasse o espaço vivo, ativo e sempre cheio. O grupo imediatamente apontou os fundos da escola como local perfeito para a construção do parque sonoro que, no nosso caso, passou a ser denominado pelo grupo de “quintal sonoro”. Decidido o local, passamos a pesquisar com as crianças como faríamos. Muitas foram suas contribuições. A mais relevante, a nosso ver, foi determinar que cada turma de crianças contribuiria com a construção de um objeto sonoro para a construção desse espaço, assim como a decisão de presentear o nosso CEU, em seu aniversário, com a montagem do “quintal sonoro”. As propostas de cada turminha para o quintal sonoro eram idealizadas de acordo com a nossa realidade, então o que trazíamos das formações, a questão de exploração, criação do espaço e aproveitamento de materiais presentes nas formações vinham ao encontro da concepção da escola, de musicalização e de intervenção no espaço.

Tínhamos algumas vivências com relação à musicalização, iniciamos a idealização do espaço com as crianças, pois queríamos algo mais concreto,

para que todos e todas pudessem visualizar o que realmente as crianças queriam. Cada turma então explicou como, com que materiais e de que forma havia pensado em dispor seu objeto sonoro. A turma do 6º E, sala marrom da tarde, construiu uma maquete, assim todos os adultos e crianças envolvidos poderiam saber exatamente o que as crianças idealizaram.

Nesse tempo, nossa EMEI vinha experimentando a partir do protagonismo infantil, com a aplicação de ideias das crianças dentro dos espaços coletivos. Acreditamos que as crianças, quando ouvidas e tratadas com respeito e dignidade, como sujeitos históricos e cidadãos de uma cidade educadora, são capazes de intervir nos espaços e resolver, de forma simples e descomplicada, problemas que os adultos nem sempre são capazes de solucionar. Exatamente por isso, ano a ano nos dedicamos para que no aniversário do CEU as crianças façam algo que mobilize os adultos, tornando-os executores das ideias das crianças nas intervenções no meio. E esta ação está sempre relacionada a um espaço significativo do CEU e da comunidade que é um espaço que gostam muito. Essa ação junto aos pequenos e pequenas se deu pela descoberta da equipe docente de que as crianças, dentro de nossa comunidade, têm mais poder político que as autoridades formais e informais, assim como os adultos dos diferentes segmentos. O que as crianças fazem a comunidade respeita, valoriza e protege, o que não ocorre quando é uma ação somente dos adultos da escola e /ou do poder público local.

O processo...

No começo era bastante complexo para os meninos e meninas pensarem e idealizarem este espaço sem ter ideia de como montar e com quais materiais fariam, foi então que iniciamos a pesquisa de parques sonoros, trouxemos imagens e ideias

de como cada material poderia ser aproveitado e de como poderia ficar. Diante das pesquisas, de diversas possibilidades de objetos e de montagem do espaço, começamos a sensibilizar as famílias nas reuniões, nas agendas e com recados verbais levados pelas crianças para se juntarem a nós na busca de objetos e materiais que pudessem se tornar objetos sonoros (panelas, talheres, potes, latas, sucatas, entre outros).

Além das doações de materiais nas reuniões com as famílias, iniciamos no *Facebook* da escola um álbum “Parque Sonoro” contendo estas ideias, assim as famílias puderam visualizar o que falávamos. Para nossa surpresa as famílias também pesquisaram e compartilharam as fotos na nossa página, uma das ideias, “polvo sonoro”, foi enviada por uma mãe e realizada por uma turma de crianças. Ao longo do processo houve uma euforia contagiosa tanto na comunidade, nas famílias e entre as crianças. Tal foi a repercussão dessa construção coletiva, que acontecia nos horários coletivos, livres e individuais das professoras, no horário de almoço de alguns funcionários, que até os meninos da EMEF Paulo Gomes Cardim, nossos vizinhos de quintal, foram se aproximando e se ofereceram como voluntários na execução dos cortes, pinturas, amassamentos e tudo mais que esse projeto ousado pedia. As famílias e parentes das crianças também foram envolvidos e a escola passou a ter uma grande movimentação de pessoas de todas as raças/etnias idades, formações e classes sociais se empenhando na construção do sonho de nossas meninas e meninos. Nesse processo construímos mais do que um espaço mágico e prazeroso, construímos vínculos para com o projeto e para com o espaço idealizado pelas crianças da escola.

Recebemos muitas doações de panelas, sucatas, talheres... Nossa agente escolar, envolvida na formação, conseguiu doações de paletes para construção de paredes sonoras onde podemos fixar



CEI Vila Missionária

todas as ideias das crianças. As famílias e a comunidade depositavam suas doações de objetos em uma caixa, em frente à secretaria. O material era selecionado e cada turma de crianças se apropriava do que precisava, o restante era encaminhado aos adultos que ficaram responsáveis por tudo que crianças não podem fazer: pintar com tinta a óleo, usar ferramentas de corte e/ou pesadas. As contribuições do Genésio (formador da SME), assim como as experiências anteriores da escola possibilitaram a construção de uma infinidade de objetos sonoros.

Tudo pronto, ideias organizadas, é hora de chamar os adultos pra ajudar, e foi o que fizemos!

Marcamos no dia da Festa de Aniversário de 12 anos do nosso CEU Aricanduva, um dia da família... um dia para a família trazer todo seu carinho, boa vontade para concretizar o quintal sonoro. O clima não ajudou... muito frio e chuva. O espaço do quintal sonoro era parcialmente coberto, então pensamos no pior... mais uma vez a força das crianças mobilizou os adultos de nossa comunidade que compareceram, mais de 70 famílias com adultos, adolescentes e crianças para realizar a ideia de nossos meninos e meninas. Num dia de chuva e frio, famílias e crianças montam este espaço e o transformam em vida, cores e sons, um espaço antes esquecido e pouco atraente aos olhos de nossos pequenos e pequenas, assim nasce nosso “Quintal Sonoro”. ●

Projeto Parque Sonoro

Por EMEI Prof.ª Rumi Oikawa

Texto elaborado pela gestão e equipe docente da EMEI Prof.ª Rumi Oikawa



A Emei Professora Rumi Oikawa recebeu o Projeto Parque Sonoro no ano de 2014.

No início tivemos dois formadores que nos auxiliaram muito com momentos de estudos. Nesse primeiro momento, os trabalhos ficaram mais restritos à fundamentação teórica e trabalhos com movimento.

O ano de 2015 marca um momento decisivo para o Projeto. No início de período recebemos a formadora Silvana de Jesus, que nos auxiliaria durante o ano letivo.

Foram momentos importantes de formação teórica e mais que isso, de muita prática.

Estudamos, conversamos e construímos muitos cotidiáfonos. A comunidade contribuiu muito com os materiais e, para que os instrumentos ficassem prontos, contamos com toda a equipe da Unidade, incluindo Auxiliares Técnicos de Educação (ATEs), pessoal da limpeza, cozinha, direção e corpo docente e crianças.

É sempre muito interessante perceber como as crianças gostam e interagem com os instrumentos, explorando e manuseando de forma livre e imaginativa. Por vários momentos foram oferecidos brinquedos convencionais nos locais em que os cotidiáfonos estavam e para nossa grata surpresa, as crianças preferiam os instrumentos construídos pelo grupo.

O desenvolvimento do Projeto, no decorrer de 2015, foi uma bela experiência para todos na Unidade, um aspecto de grande relevância que não pode deixar de ser apontando diz respeito à mudança de postura do quadro de apoio da escola, já que sempre que falávamos em pedir material para as famílias havia muita crítica, pois diziam que nossos espaços ficariam repletos de lixo. Com o passar do tempo, com as formações e, principal-



Foto: Maria Conceição

EMEI Manoel Bandeira

mente com a construção dos cotidiáfonos, o grupo apropriou-se dos mesmos, com a contribuição de todos os membros da equipe escolar, transformando assim o Projeto em um trabalho não só do professor/criança, mas de toda a comunidade.

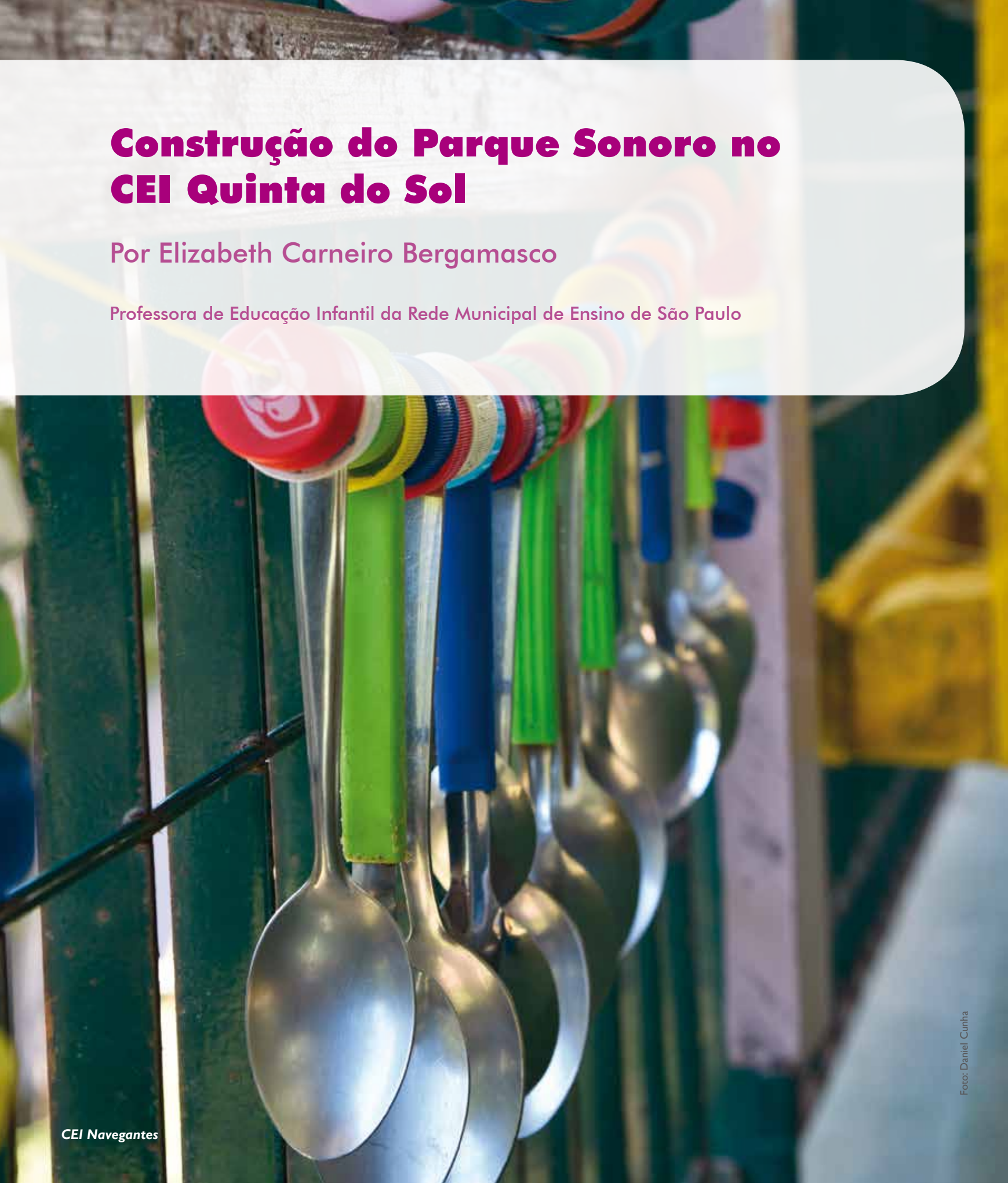
Saliente-se a importância do envolvimento da formadora nessa mudança de visão, pois sempre trabalhou com afincamento para que as formações fossem momentos de aprendizado e prazer.

Em 2016, continuaremos o trabalho, agora com um suporte quinzenal, esperando ampliar ainda mais as possibilidades de aprendizado para todos os envolvidos. ●

Construção do Parque Sonoro no CEI Quinta do Sol

Por Elizabeth Carneiro Bergamasco

Professora de Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de São Paulo





Em 2014, iniciamos algumas práticas envolvendo a construção de um parque sonoro em um ambiente que era pouco explorado. Junto às crianças do CEI, construímos bateria com painéis, sinos com chaves, garrafas com objetos diversos. Porém, por motivos da não apropriação destes objetos por todas as crianças que frequentavam o espaço, logo nos primeiros dias, os instrumentos construídos foram destruídos e acabou sendo abandonada a ideia.

Em 2015, o CEI foi contemplado com a possibilidade de aprimorar esse projeto com assessoria da arte educadora Silvana. Durante o ano, uma vez por semana, no horário do PEA, compartilhávamos experiências e novos conhecimentos sobre o parque sonoro e construímos paulatinamente os instrumentos sonoros com sucata, com a participação das crianças na elaboração e, por conseguinte, a apropriação por elas, por meio do manuseio e da exploração, antes de colocar por definitivo no local.

Dessa vez foi um sucesso, desde a pesquisa pelos materiais que seriam explorados, mudando nosso olhar para as possibilidades que estes possuem, no que tange à produção de sons diversos, na elaboração e construção dos instrumentos.

Outro ponto positivo foi a união do grupo neste projeto. Foram construídos vários instrumentos e cada qual feito por equipes de professoras. Muitas colaboraram em vários projetos, integrando outros grupos, trocando experiências e motivando as mais resistentes. Esse projeto apresentou um grande feito, no tocante a unir as professoras num mesmo objetivo. A avaliação feita por todas foi positiva neste aspecto, resultando muita satisfação na concretização do projeto sonoro em nosso CEI.

Em relação às crianças, foi um sucesso desde a confecção até a exploração dos instrumentos, pois após 6 meses, muitos instrumentos ainda estão no local, sendo manuseados e explorados pelas crianças, sempre com olhar de surpresa para algo novo que ocorre. É claro que a manutenção é necessária e ocorre constantemente. Alguns instrumentos já foram descartados, pois desgastaram com o uso e alguns estão sendo apenas reformados nos pontos que desgastam. O ponto positivo é que temos vários instrumentos em uso e o parque sonoro se tornou mais um espaço de exploração e experiências no CEI pelas crianças. ●

Entrevistas

CEI Silva Covas

Família: Gilberto Rodrigues e Daniela Vieira

Filho: Miguel Antonio Vieira

1. Como vocês conheceram o Projeto Parques Sonoros?

Na primeira reunião de pais do dia 05/02/16 do CEI Silvia Covas, as professoras apresentaram o Projeto e eu demonstrei interesse em participar por causa da experiência do Gilberto com construção de instrumentos com objetos não convencionais.

A partir do dia 15/02/16 conversei com a diretora e expliquei sobre a experiência do meu marido e que nos disponibilizaríamos a participar.

2. Vocês acham que o Projeto é importante dentro de uma Unidade de Educação Infantil?

Eu acho que é muito importante no desenvolvimento da criança na parte da criatividade onde ela começa a buscar os sons, a criar. Aqui é um despertar, pois a criança vai buscar os sons em outros objetos e lugares, isso acontece muito quando a gente se torna músico profissional, quando temos um instrumento pronto na mão, mas de repente não percebe outras possibilidades porque não passou por esta experiência musical quando criança, isso é importante para você ter essa pesquisa dos timbres dos instrumentos.

Daniela: Nossa casa é muito barulhenta o tempo inteiro estamos fazendo barulho, o Miguel bate em alguma coisa, colher, garfo, ele fica fazendo esta experimentação. Trazer esta experiência para as crianças que não têm uma família musical é muito importante enriquecedor para todos.



Gilberto e Daniela
CEI Silva Covas



3. O Projeto trouxe mudanças na relação do Miguel e de vocês com o CEI?

Com os objetos nem tanto porque já está bastante presente em casa o uso destes objetos. Mudou a relação dele com a escola, o fato de ele ver a nossa participação, a nossa presença, o fato de entrarmos na escola e conversarmos com as professoras e não apenas deixarmos ele no espaço, ele vê a nossa relação, isso mudou a aceitação dessa nova rotina. Foi uma construção muito importante, a relação dele com a escola ficou melhor, uma relação de confiança.

Nas primeiras semanas ele chorava quando nós deixávamos ele, você sai com o coração apertado.

Hoje, assim que a mãe deixa o Miguel na porta da sala, ela percebe que ele faz o papel de acolhedor dos amigos.

Com a nossa presença constante, conhecemos as outras crianças e as outras professoras. Na rua nós passamos cumprimentando as crianças, os pais. Ele percebeu que o universo foi se expandindo ele conhece outras crianças, outras professoras.

4. Qual o significado da participação das famílias no cotidiano do CEI?

A importância da nossa participação foi de mostrar que a participação da família é possível, dá um alento, uma motivação de que as coisas vão acontecer. No nosso caso somos professores e agora pais então sabemos o quanto precisamos de cooperação. As professoras estão tão gratas de estarmos ajudando, ficam sem saber como agradecer.

A inauguração do parque foi surpreendente, uma experiência nova, conseguimos trazer um amigo violonista e nós fomos participar juntos.

Eu gostaria de incentivar os pais e as famílias e dizer ao corpo docente e gestão que nós conseguimos fazer. É muito simples se pensarmos nas questões da investigação sonora, não desistam, vamos buscar esta energia para realizar os Parques Sonoros e outros Projetos. ●

Unidades Educacionais do Projeto

CEI Celso Daniel - DRE Itaquera	CEU Casa Blanca - DRE Campo Limpo
CEI Chácara Dona Olívia - DRE São Miguel Paulista	CEU CEI Jaçanã - DRE Jaçanã/Tremembé
CEI Cidade de Genebra - DRE Butantã	CEU CEI Quinta do Sol - DRE Penha
CEI Cidade Tiradentes - DRE Guaianases	CEU CEI Uirapuru - DRE Butantã
CEI Conjunto Habitacional Texina - DRE São Miguel Paulista	CEU Cidade Dutra - DRE Capela do Socorro
CEI Goiti - DRE Itaquera	CEU Curuçá - DRE São Miguel Paulista
CEI Jardim Colonial - DRE São Mateus	CEU Jaguaré - DRE Pirituba/Jaraguá
CEI Jardim Hercília - DRE Penha	CEU Jambeiro - DRE Guaianases
CEI Jardim Luso - DRE Santo Amaro	CEU Navegantes - DRE Capela do Socorro
CEI Jardim Maia - DRE São Miguel Paulista	CEU Parelheiros - DRE Capela do Socorro
CEI Jardim Matarazzo - DRE Penha	CEU Parque São Carlos - DRE São Miguel Paulista
CEI Jardim Rincão - DRE Pirituba/Jaraguá	CEU Parque Veredas - DRE Itaquera
CEI Jardim Rosely - DRE São Mateus	CEU Parque Veredas - DRE São Miguel Paulista
CEI Jardim Três Marias - DRE Penha	CEU Paulistano - DRE FÓ/Brasilândia
CEI Jardim Veronia - DRE Penha	CEU Paz - DRE FÓ/Brasilândia
CEI José Adriano Marrey Junior - DRE Capela do Socorro	CEU Pera Marmelo - DRE Pirituba/Jaraguá
CEI Maria José de Souza - DRE FÓ/Brasilândia	CEU Perus - DRE Pirituba/Jaraguá
CEI São Jorge Arpoador - DRE Butantã	CEU Rosa da China - DRE São Mateus
CEI Silvia Covas - DRE Ipiranga	CEU São Mateus - DRE São Mateus
CEI Suzana Campos - DRE Ipiranga	CEU Sapopemba - DRE São Mateus
CEI Vanda Maria Rodrigues dos Santos - DRE Capela do Socorro	CEU Tiquatira - DRE Penha
CEI Vereador Cantidio Nogueira Sampaio - DRE Jaçanã/Tremembé	CEU Três Lagos - DRE Capela do Socorro
CEI Vila Brasilândia - DRE FÓ/Brasilândia	CEU Três Pontes - DRE São Miguel
CEI Vila Chuca - DRE Itaquera	CEU Vila Formosa - DRE Itaquera
CEI Vila Missionária - DRE Santo Amaro	CEU Vila Rubi - DRE Capela do Socorro
CEI Wilson Abdala - DRE Ipiranga	EMEI Alberto de Oliveira - DRE Ipiranga
CEU Água Azul - DRE Guaianases	EMEI Angelo Martino de Oliveira - DRE Ipiranga
CEU Alvarenga - DRE Santo Amaro	EMEI Anhanguera - DRE Santo Amaro
CEU Anhanguera - DRE Pirituba/Jaraguá	EMEI Antonieta de Barros - DRE Pirituba/Jaraguá
CEU Aricanduva - DRE Itaquera	EMEI Antonieta de Oliveira Mota de Araujo - DRE São Mateus
CEU Atlântica - DRE Pirituba/Jaraguá	EMEI Antônio Figueiredo do Amaral - DRE Ipiranga
CEU Azul da Cor do Mar - DRE Itaquera	EMEI Aparecida Candida dos Santos de Jesus - DRE São Mateus
CEU Butantã - DRE Butantã	EMEI Armando de Arruda Pereira - DRE Ipiranga
CEU Caminho do Mar - DRE Santo Amaro	EMEI Carlota Pereira de Queiroz

Equipe do Projeto

EMEI Carolina Maria de Jesus - DRE Butantã
EMEI Castro Alves - DRE Capela do Socorro
EMEI Celso de Sousa Oliveira - DRE Jaçanã/Tremembé
EMEI CEU Aricanduva
EMEI Chácara Sonho Azul - DRE Campo Limpo
EMEI Cidade Ademar II - DRE Santo Amaro
EMEI Cidade Ademar III - DRE Santo Amaro
EMEI Dinah Galvão - DRE Penha
EMEI Doraci dos Santos - DRE Guaianases
EMEI Eldy Poli Bifone - DRE Penha
EMEI Eudoxia de Barros - DRE Jaçanã/Tremembé
EMEI Gabriel Prestes - DRE Ipiranga
EMEI Glauber Rocha - DRE Itaquera
EMEI Grajaú - DRE Capela do Socorro
EMEI Isolina Leonel Ferreira - DRE Ipiranga
EMEI Jardim Monte Belo - DRE Pirituba/Jaraguá
EMEI João Candido - DRE Capela do Socorro
EMEI José Mauro de Vasconcelos - DRE São Mateus
EMEI Manuel Bandeira - DRE FÓ/Brasilândia
EMEI Maria Aparecida Vita Piante - DRE Butantã
EMEI Mario Alves de Carvalho - DRE Penha
EMEI Parque Santa Rita I - DRE São Miguel Paulista
EMEI Patrícia Galvão - DRE Ipiranga
EMEI Pedreira - DRE Santo Amaro
EMEI Porto Nacional - DRE FÓ/Brasilândia
EMEI Profª Antonieta de Barros - DRE Pirituba/Jaraguá
EMEI Profª Edalzir Sampaio Liporoni - DRE Jaçanã/Tremembé
EMEI Prof. Camillo Ashcar - DRE Butantã
EMEI Prof. Edi Greenfield - DRE São Miguel Paulista
EMEI Quinta das Paineiras - DRE Ipiranga
EMEI Ronald de Carvalho - DRE Itaquera
EMEI Rumi Oikawa - DRE São Mateus
EMEI Sylvio de Magalhães - DRE Santo Amaro

Alessandra Arrigoni
Ana Claudia Cesar
Camilo Hernandez di Giorgi
Carlos Alberto Silva
Cintia Campolina de Onofre
Claudia Aparecida Polastre
Daniel Ricca Quirante
Fernando Barroso Da Silva
Floriza Garcia Chagas
Genesio Ramos da Cruz
Jose Antonio Alves
Jose Leonel Gonçalves Dias
Liliana Maria Bertolini
Marcia Cristina de Almeida Moraes
Maria Cristina de Campos Pires
Rodrigo Olivério Pereira dos Santos
Rosana Tonholi Massuela
Sara Eliza Conceição Oliveira Yamaguti
Silvana de Jesus Santos
Silvio Ribeiro Viana
Vanderlei Baeza Lucentini
Viviane de La Nuez Cabral







PREFEITURA DE
SÃO PAULO
EDUCAÇÃO